



História Oral Futebol, Memória e Patrimônio - Polozzi

Data: 08/11/2012

Entrevistado: José Fernando Polozzi

Entrevistadores: Bernardo Buarque de Hollanda e
Bruna Gottardo

Local da entrevista: Vinhedo / SP

Transcrição: Liris Ramos de Souza



Apresentação

“Futebol, Memória e patrimônio: projeto de constituição de um acervo em história oral para o Museu do Futebol”, uma parceria entre o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) e o Museu do Futebol, teve por objetivo a constituição de um banco de depoimentos orais (registrados em áudio e vídeo), com jogadores de futebol que participaram do selecionado brasileiro em Copas do Mundo, entre 1954 e 1982. O mapeamento da participação brasileira em Mundiais compreendeu o registro e a análise das histórias de vida desse conjunto de protagonistas. Tendo em vista a realização da próxima Copa do Mundo no Brasil em 2014, a finalidade é fornecer subsídios documentais para que se possa articular a memória esportiva à memória coletiva e à história política do país, durante os últimos oitenta anos, em uma perspectiva crítica e diacrônica.

Os referidos depoimentos foram registrados, tratados e analisados por pesquisadores do CPDOC/FGV, em parceria com técnicos, pesquisadores e investigadores do Museu do Futebol, a fim de constituir um acervo comum a ambas as instituições. A formação deste corpus documental permitirá que se registre e analise o relato de figuras centrais do futebol profissional brasileiro, em particular atletas que se tornaram figuras emblemáticas da identidade nacional.

O projeto reuniu o montante de 55 entrevistas com ex-jogadores (apenas um dirigente, João Havelange, foi entrevistado), que somadas geraram mais de 120 horas de gravação. Cada entrevista têm em média duas horas e meia de duração, e busca percorrer a trajetória do futebol e de vida de cada jogador. O processo de pesquisa, pré-produção, produção e pós-produção de todo material produzido e coletado, ocorreu entre maio de 2011 a novembro de 2012.

As entrevistas em história oral ficarão acessíveis na Biblioteca e Mideoteca do Centro de Referências do Futebol Brasileiro (CRFB/MF), e já estão disponíveis virtualmente, em versão editada pelo site do CPDOC/ FGV¹. O material decorrente da pesquisa também dará origem a outros dois produtos: um livro e um DVD, ficando aberto ainda a futuros pesquisadores e propiciando novas interpretações analíticas sobre o papel dos esportes na construção coletiva da memória nacional.

1 <http://cpdoc.fgv.br/museudofutebol>

Transcrição

(INÍCIO DO ARQUIVO I)

Bernardo Hollanda - Bom dia, 08 de novembro de 2012, Vinhedo, São Paulo, depoimento de José Fernando Polozzi, ex-jogador da seleção brasileira, para o Projeto Futebol Memória e Patrimônio, que é uma parceria entre o Museu do Futebol e a Fundação Getúlio Vargas. Participam desse depoimento Bernardo Buarque e Bruna Gottardo. Bom dia, Polozzi, muito obrigado por nos receber em sua casa, tão agradável, e contar um pouquinho da sua história, sua trajetória de vida. Enfim, estamos muito felizes de estar aqui com você. Queria pedir para você começar falando da sua infância, local de nascimento, data, enfim, muito obrigado por nos acolher.

José Polozzi - Eu que agradeço, bom dia, é um prazer enorme para mim participar desse projeto. E a minha infância... eu nasci aqui na cidade vizinha, na cidade de Louveira, nasci em casa, não tinha e acho que nem tem até hoje hospital em Louveira, é usado mais aqui em Vinhedo. Eu acabei nascendo em casa. Me criei ali até cinco anos e a partir de cinco anos meus pais mudaram aqui para Vinhedo, onde meu crescimento todo, desde 1960, que eu mudei aqui para Vinhedo e até hoje. Andei saindo por aí, mas até hoje estamos aqui.

B.H. - A cidade tem uma influência italiana, conta um pouquinho sobre as suas origens familiares.

J.P. - A minha família é de uma descendência direta do italiano. O sobrenome Polozzi até foi confundido, na época de seleção, com jogador italiano, estava na seleção brasileira. Meus bisavós vieram para essa região aqui, o meu avô já nasceu aqui, como meu pai também, então meus bisavós que vieram, me parece que foi de Roma, eles vieram, a origem da minha família. Agora a gente têm as facilidades de buscar origem, tal. Eu tentei buscar origem da minha família e acabei achando Polozzi nos Estados Unidos, e até conversando com ele através de MSN essas coisas, e ele diz que a origem dele também era mais ou menos da região nossa lá. Então todo sobrenome existente no Brasil e fora do Brasil de Polozzi, é parente meu, é da minha família.

B.H. - É direto?

J.P. - É diretamente da minha família. E o curioso também, que alguns Polozzi que eu achei, que são apelido de pessoas que eu encontrei aí pelas andanças no futebol. Até jogadores com nome de Polozzi que foi apelidado pelo pai que gostava do meu trabalho como jogador, acabou apelidando o nome do filho de Polozzi. Achei até interessante, porque a gente não... Como a gente sai de uma cidade pequena e vai para uma cidade maior e aí começa o nome... Naquela época não era tão divulgado como hoje. Eu não imaginava a proporção do que meu nome chegou dentro do futebol. E eu comecei a ver isso depois que eu parei de jogar, que eu passei a ser treinador. Eu andei aí pelo nordeste, para tudo quanto é lugar aí, todo mundo conhece o nome de Polozzi. Eu não imaginava que eu era tão conhecido, porque a mídia naquela época não falava. Têm pessoas que gravou o time da Ponte Preta, aquele time de 77 que foi o vice-campeão do Corinthians, depois que o Corinthians estava há 24 anos na fila, então esse jogo ficou marcado, e as pessoas dão a escalação do time da Ponte e não consegue dar do Corinthians. O interessante é que corintiano dá a escalação da Ponte e não dão a escalação do Corinthians. Eles esquecem um pouco do time do Corinthians. Porque aquele time da Ponte Preta, ele gravou de uma forma que por ser o vice-campeão ficou muito mais conhecido do que o Corinthians que foi campeão. Interessante, não é? A vida nossa na infância aqui em Vinhedo foi muito boa. Aqui é uma cidade tranquila, é tranquila até hoje. Hoje a cidade ficou muito bonita, a cidade melhorou muito do que era na época. Hoje a gente mora aqui em Vinhedo com satisfação, e muita gente de fora está vindo para Vinhedo, já começaram a vir em épocas passadas, e hoje Vinhedo além de ser uma bonita cidade que fica com montanhas e junto com vales e o clima é muito bom daqui, e as pessoas estão realmente encarecendo a cidade. Os de fora encareceram, porque vieram para cá e foi pagando o preço que foi pedindo, não pechincha, e quando não pechincha a coisa vai ficando cara.

B.H. - Você falou que originalmente são seus bisavós que migraram. Seus avós você chegou a conhecer?

J.P. - Conheci. Meus bisavós não conheci, mas meus avós eu conheci. Meu

avô, acho que faleceu eu tinha aproximadamente 10 anos, nem isso, 10 ou nove anos. Porque a gente saía todo final de semana de Vinhedo e ia para o sítio do meu avô aqui em Louveira, a família toda era de lá. Meu pai, me parece, que foi o primeiro a sair da nossa família, sair de Louveira; mesmo porque meu pai trabalhava na Fepasa, ele começou trabalhar em Louveira e depois ele foi trabalhar Campinas, e aí nós mudamos aqui para Vinhedo e a gente ia todo final de semana para lá. Meu avô, o nome dele é Frederico Polozzi, minha avó chamava Melania Polozzi. Ele é tão interessante, que a gente naquela idade comia barbaridade, o prato era grande, e não podia repetir com meu avô. Porque ele começava: “oh, seu budelô deixa um pouquinho para mim”.

B.H. - Bu o que?

J.P. - Budelô é comilão, acho que é comilão. E a minha avó, não, nossa, “deixa os meninos comer...” “não, tá comendo de mais”. Aí nós perdemos o avô muito cedo, meu avô acho que morreu com 50 e poucos anos, me parece que foi câncer no intestino, mas nós tivemos uma infância muito boa. E mais ou menos com 16 anos foi quando eu comecei a ir para a Ponte Preta e comecei a me criar dentro de um futebol profissional.

B.H. - Polozzi, os imigrantes italianos aqui eles mantinham as tradições, falava-se italiano?

J.P. - Não, não.

B.H. - Tinha rapidamente uma adaptação?

J.P. - Foi muito rápido. Mesmo porque os meus bisavós eu nem cheguei a acompanhar, mas a família dos irmãos dos meus avós, tudo daqui, que nasceram aqui, era a língua portuguesa mesmo, ninguém falava, nem com sotaque mais de italiano. E eles reuniram tudo ali naquele lugar de Louveira ali, onde a gente tinha o sítio, meu avô tinha o sítio, os irmãos dele tinha outro pegado. Acho que meu bisavô foi, comprou aquela região e depois dividiu já para os filhos. Nem me lembro, mas é uma porção. Acho que deve ser cinco, é a quantidade da família. Por exemplo, meu avô teve cinco, acho que meu bisavô

também teve cinco, o meu pai teve cinco filhos e eu quatro, falta mais um. E ali nós vivemos. A gente tinha um final de ano muito gostoso, era Natal e ano Novo, tinha aquelas festas e aquela troca de presente, tinha o bom princípio de Ano Novo, a gente ganhava uma graninha quando era criança, então a gente roubava todas cartas, então a gente levantava seis horas da manhã, e os parentes querendo dormir, e a gente atrás de dinheirinho, ia atrás dos padrinhos, das madrinhas, e era gostoso, uma recordação muito boa que eu tenho dessa infância. Mesmo porque tinha uma área que a gente brincava até de Tarzan, tinha cipó, a gente caía da árvore, quebrava galho de árvore com a gente em cima, quer dizer, e era uma verdadeira floresta mesmo lá, tinha uma área do sítio do meu avô que era tudo floresta fechada mesmo. Gozado, que a gente não encontrava um bicho, acho que nem macaco me lembro de ter visto lá. A gente andava naquele meio de mato descalço, nunca tivemos problema com picada de cobra, de algum animal, não tinha, não tinha naquela região, não tinha nada, porque nunca reparei. Nem cobra, nem escorpião, olha que a gente brincava ali, naquele mato, meu avô morava aqui, aqui já era uma baixada, já tinha um matagal, a gente entrava no meio do mato e nada, nada, nada, graças a Deus, nunca tivemos um problema, uma contusão, um machucado, nada. Tinham os primos lá da mesma idade, foi muito gostoso essa época.

B.H. - Seu pai cuidava do sítio, tinha algum outro trabalho?

J.P. - Não, meu pai já trabalhava na Fepasa. Meu pai saiu da presença do pai dele. O pai dele era meio... Meu pai também era para ter sido jogador de futebol, e bom. Meu pai também foi um zagueiro muito bom. Eu não estou falando aqui porque ele falou, não, eu estou falando porque eu fui perguntar. Porque ele me falava que era bom pra caramba, quero ver, quero ver. É curioso, eu cheguei a perguntar para um amigo dele lá, depois que eu voltei para a seleção. Falei: “vou perguntar, você fala tanto que era bom, vou perguntar.” Aí eu estava passando em Louveira, foi logo depois que eu voltei da seleção brasileira da Copa do Mundo, aí encontrei um amigo dele lá, cheguei lá, todo mundo vem cumprimentar por ter ido na Copa tal, a família é muito conhecida lá, e o único que virou jogador fui eu, quer dizer, então, o sobrenome Polozzi se destacou no Brasil inteiro. E hoje alguns deles usam Polozzi aqui, está estampado em caminhões, têm primos meus que tem caminhões, sabe, eles põem grandão assim: Polozzi. Até um amigo falou assim: “você tem caminhão?” Eu falei:

“não, não tenho não.” “Pô, vi um caminhão com seu nome desse tamanho assim”, lá atrás onde eles põem aqueles dizeres nas placas, ele botou Polozzi bem grandão para todo mundo ver, não é? Então foi muito legal isso aí, muito interessante. Às vezes eu vou perder o fio da meada...

B.H. – Está ótimo. Então essa entrada no futebol já tinha a referência do seu pai?

J.P. - É, tem a questão do meu pai. E quando eu cheguei para o cara que eu perguntei assim para ele: “olha, meu pai fala muito que é bom, tal, como ele jogava?” Sabe o que o cara me respondeu? Ele falou assim: !se você chegar a metade do que seu pai jogou, tá bom para você”. E eu tinha acabado de chegar da seleção brasileira, então... É um cara que fazia tempo que não via meu pai, e um cara que meu pai também sempre elogiou. Parece que eles combinaram. Porque meu pai sempre elogiou esse rapaz, ele era um atacante, parece que o nome dele era Toninho Mosca, ele era um atacante velocista, rápido. Meu pai disse que tinha um time fantástico aí no Bandeirante, aqui em Louveira, e eles jogavam na verdade só jogo amistoso naquela época. Meu pai andou jogando contra a Ponte, a Ponte se interessou em levar. O Palmeiras se interessou em levar. Porque vieram jogar uma época uma turma do Palmeiras aí, só que o pai dele nunca deixou. E aí ele acabou se machucando, com 21, 22 anos ele estourou o joelho, parou com bola. Ele já estava também já trabalhando na Fepasa, porque ele entrou novo lá, e ele poderia ter sido um outro craque na família. E eu segui... Eu fui zagueiro também por coincidência, porque a minha posição, o que eu gostava de jogar era lá na frente, qualquer lugar lá na frente, eu era driblador. Eu jogava com as molecadinhas, nunca tinha jogado um futebol de 11, só na quadra, e eu driblava toda molecada na mesma idade, e fazia gol a hora que eu queria. Eu parecia o Neymar na quadra [risos]. Os moleques era mais molão do que eu, e eu tirava para cá, tirava para lá, ia driblando, até que criou o juvenil do Santana aqui. Um amigo nosso que tinha uns cinco, quatro anos mais velho do que a gente, ele jogava numa equipe aqui de Valinhos chamado Igesa, muito bom jogador também, e é zagueiro. Aí ele, ele com a vontade dele, criou o juvenil de Santana. Aí aquela molecadinha que jogava todo dia na quadra, chamou para montar o time. Aí foi escalando, tal, tal, e eu ficando, aí sobrou lateral esquerda para mim. Todo mundo me chamava de Fernando, meu nome é José Fernando. “Fernando, você vai jogar



de lateral esquerdo.! “Pô, mas de lateral esquerdo...” Sobrou só aquela, vai nessa mesmo. E comecei uma carreira aqui de lateral esquerdo. Mas eu tenho um amigo aqui, que também foi treinador de amadores aqui desde quando ele era novo. Parou de jogar novo e começou a ser treinador e gostava de treinar e ganhava tudo quanto era campeonato. Esse rapaz começou a me colocar, já no time amador, mas isso com 15 anos de idade, eu já jogava no titular do Santana, já começou a me colocar de zagueiro. Ele começou a perceber que de zagueiro eu rendia mais, então ele começou a me colocar. E nessas passagens de jogar para cá, jogar para lá, eu acabei jogando um amistoso aí contra um veterano de Valinhos, que na época veterano era de 35 para baixo, até 30, que era considerado veterano no amador. Não é hoje, hoje tem veterano sub 60, sub 70, sub 100. Aqui fizeram um campeonato de sub 60. Achei interessante. Eu tenho 57 anos, mas eu jogo com a molecada, a gente brinca aqui no clube nosso, e eu aguento jogar bem porque eu faço os bitoque com os profissionais até hoje, então eu estou sempre em atividade por isso eu aguento jogar. E contando nessa época, eu estou atrás do gol e vai começar esse jogo amador de veterano. 35 anos. Aí faltou um jogador. Olha a coincidência, quando a coisa tem que acontecer parece que já está programada para acontecer. Aí eu estou lá atrás do gol, aí o amigo do meu pai, “oh, Polozzinho, vai buscar a chuteira lá, você quer jogar?” Eu louco com vontade de jogar, mas era tudo velho, eu tinha 15 para 16 anos. A gente achava velho. Hoje não me acho velho, mas eu achava cara de 35 anos velho quando era criança. Eu falei: “quero jogar sim.” “Vai buscar sua chuteira”. Eu morava em frente do clube. Eu, zum, voltei a chuteira estava mão. Aí comecei jogar aquele veterano lá, aí acabou tudo, veterano, ninguém me falou nada, no meio da semana aparece um amigo nosso, que até já faleceu, chama Dorival Chene, um rapaz que sempre trabalhou com molecada aqui, ele trabalhava no banco Itaú, era gerente do banco Itaú e gostava de trabalhar com molecada. Ele apareceu em casa e falou assim: “Polozzi, você jogou sábado aqui no Santana?” Falei: “Joguei”. “Então é você mesmo.” eu falei: “como eu? O que?” “O treinador do júnior da Ponte jogou contra você e quer que você vá para lá.” É Mario Juliatto, morava em Valinhos, ele veio jogar com o time veterano de Valinhos, contra o veterano de Vinhedo, faltou um no veterano de Vinhedo, os caras me chamaram, e eu joguei contra o treinador da Ponte Preta. “Então, ele pediu para você ir lá, levar documento” Levar documento e tudo porque já ia. Naquele ano criou o juvenil, tinham três categorias no profissional. Cada time tinha o profissional, tinha o aspirante e tinha os juniores, só. Aí criaram o juvenil.



Hoje criaram o infantil, dente de leite, um monte de coisa. E esse ano criaram essa categoria e a Ponte não tinha jogador de futebol. Ele perguntou: “tem mais um bom jogador?” Nós fomos em sete para lá para começar o campeonato. Que era aquela turma do nosso juvenil aqui de Santana, foram sete jogadores daqui para a Ponte. Aí juntando com mais alguns que tinha lá já, que já fazia parte até do juniores que tinha idade para juvenil, juntando com eles, fez um time para começar o campeonato. Aí foi a forma que eu fui para a Ponte Preta. Aí começamos a disputar esse campeonato, só que como eu jogava de lateral esquerdo no juvenil, eu falei: “eu jogo de lateral esquerdo, mas prefiro zagueiro”. Mas já tinha zagueiro, “então melhor você ficar no lateral esquerdo”. Aí fiquei o ano de 72, acabou o campeonato, viemos embora. No ano de 73 chamaram outra vez. Eu fui no Guarani antes de ser chamado. Fui fazer teste no Guarani, fiz teste com o Ladeira. O Ladeira você deve conhecer, trabalhou sempre no Corinthians. Ladeira já revelou um caminhão de jogadores. Mas eu não, ele não revelou porque eu fui lá fazer teste, eu fiz cinco treinos e acabei não passando. Isso para juvenil e de zagueiro, lá fui de zagueiro. Estava indo bem, bem, bem, mas “óh, não vai dar”. Bem nas semanas de começar o campeonato outra vez. Aí a Ponte foi, me chamou de novo. Aí apareceu um amigo meu em casa falou: “óh, o Mario Juliatto pediu para você levar o documento lá, já vai jogar sábado.” Sem treinar, sem nada. É porque ele sabia que a gente era criança, e a gente brincava todo dia com bola, eu brincava todo dia na quadra, era três horas sem parar naquela quadra pegando fogo e descalço. O pé da gente fazia bolha, todo dia com bolha no pé, e queimava a sola do pé. Meu pai nunca teve uma boa condição, então para a gente ter um tênis... Minha primeira chuteira foi um kichute, cara. E kichute dura, puta, não acaba nunca. Na verdade eu fui começar a ter chuteira mesmo quando eu fui para a Ponte, que lá eles deram a chuteira para a gente. “Óh, não tem chuteira não, tem kichute”. O kichute demorou tempos, viu?

B.H. - E falando de tempo para jogar, você frequentava a escola, como era?

J.P. - Frequentava escola.

B.H. - Você foi até que série?



J.P. - Eu fui até o colegial, mas não cheguei ainda a terminar o colegial, não terminei. Mesmo porque eu passei a ser profissional, e naquela época jogava também de quarta, de domingo, eu perdia muita aula, e concentrado você não podia sair da concentração, como eu estudava aqui e ficava lá, então... Tentei estudar lá em uma cidade perto de Campinas, mas também não deu certo, perdia muita aula, ficava muito atrasado e tal, e como sempre, como a maioria dos jogadores não são estudados, mais pela preguiça meemos. Jogador de futebol é o seguinte, ele escolhe a profissão de jogador de futebol sabe por quê? Porque não quer fazer outra coisa. Ué, não é verdade? Então poucos estudam. Hoje uma condição um pouco melhor, tal. Até acho que mais jogadores estudam, mas a maioria da época passada são poucos que conseguiram estudar ou que tiveram vontade, na verdade. Porque como jogador de futebol a gente não pensa muito no futuro. Naquela vontade, aquela coisa gostosa que é ser famoso por alguns anos, porque futebol você é famoso por alguns anos, e dá autógrafo, essas coisas, você esquece algumas prioridades da sua vida que o estudo é uma das principais. Aí você vai vendo aquele negócio, você vai se tornando profissional, seu salário já é bom. Quer dizer, eu ganhava três vezes mais que o meu pai. Meu pai não ganhava bem, mas ganhava três vezes mais que ele, também não ganhava bem porque três vezes sobre um salário ruim também é ruim.

B.H. - Mas para a família já é...

J.P. - Ajudava, ajudava. E meus pais também não pegaram muito no meu pé em questão de estudo, sabe. Porque depois que você passa de 18 anos, você passa a se decidir. E aí, "ah, não vou estudar mais porque não sei o que." Acabei me arrependendo, acabei me arrependendo disso, alias. Se eu tiver oportunidade, porque como treinador é pior ainda, porque você perde dois jogos num time, você é mandado embora, você não tem uma garantia de trabalho, como treinador. Então é horrível. Você está dois meses aqui, três meses ali, vai para outro estado, vai para fora do país, quer dizer, onde aparecer você vai, aí vai estudar de que jeito? A não ser que estude pela internet, porque de outra maneira não tem mais. Mas o que eu procuro fazer é ler bastante, notícias, essas coisas para a gente estar sempre informado. Interessante que as minhas filhas vão para escola e elas não sabem fazer os negócios aí, eu tenho que fazer por elas. "Espera aí, quem está estudando é você, não sou



eu.” E eu faço a lição de casa, quer dizer, ajudo a fazer a lição de casa, sempre ajudei meus filhos; “não estudei, caramba, você que tem que saber, não eu, você que está estudando.” Mas a gente vai adquirindo um conhecimento pela experiência, isso é até normal.

Bruna Gottardo - Voltando um pouco, quando você era pequeno, você jogava bola, você tinha vontade de ser jogador?

J.P. - Eu nunca pensei em ser jogador, nunca na vida, nunca tive naquilo como objetivo na minha vida. Não, eu jogava bola porque eu gostava desde criança, desde pequenininho. Porque meus padrinhos, o presente que eu ganhava era bola, aquelas bolas de borracha, uma, duas, três, quatro, cinco, aquelas pequeninhas. Eu ficava petecendo a bola, tal. Eu só, os meus irmãos não tiveram interesse. Meu pai sempre foi um grande pescador, não mentiroso [risos], nunca foi um pescador profissional também, porque ele sempre gostou. Agora, um bom pescador, ele pescava peixe onde não tinha, não tinha para os outros, mas para ele tinha. É interessante. Meu irmão mais novo, nós somos cinco, tem o Milton que é o mais velho um ano, tem 58, tem o Sandro que é cinco anos mais novo que nós dois, está com 52, e tem a Ana Lucia que é mais nova e tem a Idelana que é caçula, todos nós temos filhos, todos nós estamos casados, só eu que não porque eu me separei. E o meu irmão também é um grande pescador. E eles se interessaram, meus dois irmãos se interessaram só para ir pescar com meu pai. Eu fui uma vez lá pescar, eu passei a noite inteira sem dormir, chegamos lá de manhã, fui dormir depois lá na areia do rio lá, meu pai não deixou tomar banho porque tinha medo que a gente ia morrer afogado, eu já sabia nadar, eu só sei que nós viemos de trem e eu com um sono danado e tudo suado, tudo com areia nas costas, eu falei: “nunca mais eu vou pescar.” Nunca mais eu fui pescar. Não fui mais pescar com meu pai. Quer dizer, naquela época que eu era garoto, que eu ia sempre pescar com ele, depois disso eu não fui mais. Eu só fui voltar a pescar com meu pai quando eu já tinha voltado da seleção brasileira, que nós fomos aqui para Santos que é pescar no mar. Aí eu fui. Me arrependi também. O que tinha de pernilongo lá, não era brincadeira. [risos] Então enquanto meus irmãos iam pescar, eu ia brincar com a bola, eu ia jogar na quadrinha lá todo dia, todo dia. Meus irmãos também iam, o Sandro era novinho, eu o Milton a gente ia também. Até levei o Milton para treinar na Ponte Preta, mas o Milton é meio tímido. Interessante, que eu já estou no júnior



lá da Ponte quando eu levei, falei: “meu irmão sabe jogar.” Era o Mario Juliatto ainda. “Então traz ele aí.” Aí eu estou treinando e estou vendo meu irmão atrás do gol ali, trocadinho, esperando. Aí olhei, cadê meu irmão? Olhei... lá na arquibancada, trocado. “Não quero mais não.” Acho que ele ficou vendo lá a acorreria que era... Eu já era júnior nessa época, quer dizer, eu tinha 18 anos, ele tinha 19. Meu falei, “meu irmão sabe jogar, sim.” “Mas cadê seu irmão?” Cadê ele, caramba? Lá na arquibancada, trocado já. “Não, não, não dá para mim, é muita correria.”

B.H. - Isso era no estádio?

J.P. - Lá na Ponte Preta isso aí. Então não quiseram ser. O Sandro chegou a ser profissional, o Sandro era bom de bola. O Sandro jogou no Bragantino, na época que o Bragantino nunca tinha passado da segunda divisão. Depois que os Chedid, Nabi pegaram o Bragantino, o Bragantino cresceu. Ele jogou no União [Bragareense]* também, ele teve no Palmeiras comigo no júnior também, mas não quis ficar. Meu irmão é meio preguiçoso. Não deixa as pessoas te apelidar de sono no futebol, porque não vira jogador. [risos] Porque tem cara que vai treinar, ele senta esperando o treino, ele fica quase dormindo. O jogador desde novo, ele tem que estar aceso, sempre aceso. Tem aquele bobinho que tem que participar, não fica lá sentado no banco, quase dormindo, esperando, que o treinador que está lá na base ele observa tudo isso, “esse aí vai ser...” e os outros apelidam; “que sono, hem.” Dançou. Aí não vir mais jogador. Então tem que estar sempre ligado. E eu estava sempre ligado. E mesmo estando na Ponte Preta, eu não pensava em ser profissional, não pensava. Eu sou uma pessoa muito perfeccionista, eu levei minha profissão ao pé da letra, mesmo.

B.H. - Em que momento você realizou: “vou ser...”

J.P. - Agora eu vou chegar lá. Quando eu era juvenil, eu jogava o juvenil na preliminar o júnior no jogo do fundo, todo campeonato paulista era assim. A gente ia jogar contra o Corinthians, Palmeiras, eu ficava assistindo o jogo do júnior, eu falei: “meu Deus, não vou conseguir jogar aí não”. É muito rápido, é muita correria. Ainda eu não estava preparado fisicamente para aquela correria. Mas no juvenil eu conseguia, porque quando você está lá dentro, você não percebe quanto é a correria. Quando você está lá em cima que você



vê a correria, mas lá dentro você está correndo junto. Então eu via que não ia conseguir jogar no júnior. Aí chegou minha idade de júnior, aí eu comecei a jogar no júnior, eu comecei a perceber que não era tão correria, porque também eu corria junto e estava mais forte, estava um ano mais forte, faz uma diferença muito grande nos treinamentos um jogador de um ano para o outro, faz uma diferença muito grande. A minha consistência física foi ficando maior, minha coordenação motora demorou um pouquinho para se formar completa, com 16 para 17 minha coordenação ainda era meio molegata. Aqueles molecão grandão que é meio molão ainda, é porque a coordenação motora não se completou. E a minha demorou um pouquinho e com a ajuda dos treinamentos, com musculação essas coisas, que a Ponte fazia todo dia isso, era pesado o negócio, musculação todo dia. Então fui encorpendo, fui ficando mais forte, ficando mais rápido e fui jogando no júnior. Meu primeiro ano de júnior foi em 1974, foi quando teve a Copa do Mundo de 74, que o Brasil acabou ficando em quarto lugar, foi na Alemanha. O Brasil ficou em quarto lugar. Eu acompanhei a Copa de 70, mas eu tinha 15 anos. Na verdade a gente brincava com bola. Com a Copa de 74 eu já tinha 18 anos, então eu já estava no júnior. Acabou a Copa do Mundo eu falei assim para minha mãe, lembro até hoje, estava minha mãe e minha tia, falei: “óh, na próxima Copa do Mundo eu vou estar lá”. A resposta da minha mãe: “cuidado filho, está sonhando muito alto” [risos]. Acho até estranho, minha mãe devia falar assim para mim: “vai firme que você consegue. Vai, vai a luta que você consegue”. Eu falei: “mas mãe, se eu estou junto, se eu estou no meio, por que eu não posso estar lá?” Aí foi o objetivo da minha carreira como profissional. Então era 74, eu só fui jogar no profissional em outubro de 75, então foi um ano e pouco antes que eu falei isso, de eu ser profissional, eu não era profissional. “Não, vou jogar, vou jogar” e determinei isso na minha carreira. E fui, e fui.

B.H. - Nessa Copa você já observava o zagueiro, posição, ou...?

J.P. - Eu sempre fiz isso. Eu ia assistir jogo do Guarani, eu observava muito o Amaral, olha só. Depois de velho eu vim saber que o Amaral é um ano mais velho que eu. O Amaral jogava no profissional do Guarani com 16 anos, cara. Como esse cara jogava no profissional? Quando eu fui reserva do Amaral na seleção brasileira, ele é um baita de um jogador, não me deu uma vírgula de oportunidade. Eu falava com ele, estava eu e ele no quarto, eu falava: “se



você dá uma vírgula de oportunidade, vou pegar o seu lugar.” Eu pressionava mesmo. Mas ele jogou barbaridade essa Copa de 78. Foi o Oscar e Amaral. Interessante que eu coloquei aquilo na cabeça e comecei a me olhar, me policiar mais em todos os jogos. Isso no júnior. Tanto é que na Taça São Paulo, disputei duas Taças São Paulo, a primeira eu só joguei uma partida contra o Cruzeiro, porque trouxeram um cara do profissional com a idade e jogou no meu lugar. Eu fiquei louco da vida, fiquei fora. Só que eram chaves de quatro, que nem agora, perdeu duas partidas, já não tinha mais chance. Aí joguei contra o Cruzeiro, aí o cara do profissional voltou para o profissional, o nome dele é Vuca, amigo nosso até hoje, mora lá na região de Bauru, ele era lateral esquerdo e veio para jogar de zagueiro, e ele tinha idade e eu fiquei fora. Aí contra o Cruzeiro, era a última partida para cumprir tabela, ele voltou e eu joguei, e empatou o jogo, não tomamos gol. Bom, aí no ano seguinte que é o ano de 75, eu joguei a Taça São Paulo. Depois de 20 anos ou 25 anos, mais ou menos, eu fiquei sabendo que eu fui destaque da Taça São Paulo, que eu fui o melhor jogador da Taça São Paulo de 1975. Procurando no google, acha a história. O cara mostrou, aqui em Birigui, eu estava dirigindo o Bandeirante de Birigui, ele até faleceu, o nome dele é Janse, ele trouxe uma revista da federação, dessas sobre a Taça São Paulo, ele falou: “você já viu esse negócio aqui?” Aí foi lá, todas as Taças São Paulo, o campeão e a revelação. Em 1975, campeão o Atlético Mineiro, que decidiu o ponto, e nos perdemos nos pênaltis. E a revelação: Polozzi. Olha só! Um zagueiro ser revelação na Taça São Paulo é muito difícil. Então dois zagueiros foram revelação de Taça São Paulo, de todas as Taças São Paulo até hoje, só dois zagueiros, eu fui o primeiro, porque nasci primeiro, e o Junior Baiano foi o segundo. Porque se ele tivesse nascido primeiro ele seria... [risos]. Porque é interessante, você viu algum zagueiro ser campeão, ser o melhor do mundo, você já viu alguma vez? Quem é o melhor do mundo? É atacante, meia, hoje está o Messi por quatro vezes melhor do mundo, Ronaldinho foi três vezes, o Romário duas vezes, o outro Ronaldinho lá também, e é só atacante. Zagueiro é muito difícil. Lateral esquerdo chegou perto, Roberto Carlos chegou a ser o segundo melhor numa época aí, Cristiano, Ronaldo, nesses últimos que foram, aquele francês, o Zidane, e acho que até o Michel Platini também foi na época. Mas tudo de meio para cima, zagueiro nunca.

B.H. - Goleiro tem um destaque...

J.P. - Nem goleiro. Goleiro já tem um destaque mais separado. Também nunca vi um goleiro melhor do mundo, nunca vi. Se ganhar lá, nessa competição, como melhor do mundo. E Taça São Paulo é a mesma coisa. As pessoas que foram já destaque na Taça... E olha, quem foi destaque na Taça São Paulo joga Copa do Mundo, é interessante. Falcão... Eu vou contar de quem me lembro. O Oscar que teve uma carreira, teve três Copas do Mundo, tal, que foi uma carreira muito mais forte que a minha do Oscar, de muito mais sucesso que a minha, porque ele foi em três Copas do Mundo. O Oscar era o zagueiro que jogava junto na Ponte. O Oscar não foi destaque no ano que ele disputou a Taça São Paulo. Mesmo porque o Oscar ele já tinha 18 anos, ele já passou para o profissional e não foi nas Taças São Paulo. Eu não me lembro se o Oscar disputou a Taça São Paulo de 72, porque o Oscar é um ano mais velho que eu, mas só que em 72 ele tinha idade para juvenil, mas ele já era titular do júnior. Em 73 ele estreou no profissional contra o Santos, então ele começou bem antes do que eu, com 18 anos, eu não. Eu comecei com 20 anos. Depois que acabou essa Taça São Paulo... E o interessante que eu fui destaque na Taça São Paulo, acabou a Taça São Paulo, eu fiquei treinando ali na Ponte, mas eu era um tampa buraco, sem ser aproveitado, só física, física, física. Eu, mais de cinco meses depois que acabou a Taça São Paulo, bem mais de cinco meses, sete meses mais ou menos, só treinando, treinando, até imaginava assim, vou ser mandado embora. Não aproveita, já estourei a idade, não posso jogar mais no júnior, tem que ser profissional, treinava no meio profissional, mas era o terceiro ou quarto homem lá da reserva. Aí eu já estava me preparando para ser mandado embora, olha só. Até que cheguei lá no dia, acho que foi em setembro, não sei o dia certo, mas era uma quarta-feira. A Ponte ia jogar um jogo amistoso contra a seleção que ia para Cannes. Essa seleção que era uma seleção amadora, não era sub20, era amadora, se tivesse um cara que fosse amador, tivesse 23, 25 anos podia jogar, que jogasse no time deles como amador podia jogar nessa seleção. Aí eu chego de manhã para treinar. Aí me chama na sala, o Zé Duarte, que era o treinador da Ponte; aquele frio na barriga, vou ser mandado embora. Para mim ele ia falar: você não precisa mais vir treinar. Aí para minha surpresa ele chega e fala: "você vai jogar hoje a noite." Nossa, aí o frio aumentou. O coração vinha aqui na boca. Eu falei: "mas como?" Machucou três zagueiros na semana, eu nem reparei. Só sei que não tinha zagueiro. Aí, "você vai jogar hoje a noite e vê lá o que você vai fazer." Só. Foi o que o treinador falou para mim. Jogou tudo nas minhas costas. Como era um jogo amistoso... E agora, o que eu vou fazer?

la marcar o Claudio Adão, substituto do Pelé no Santos. Pô, jogava com a 10, era atacante, jogava com a 10 no Santos. E o Claudio Adão é um ano mais velho do que eu, ele é de 54. Aí eu fui para o quarto, nossa, deitei e fiquei pensando, pensando nesse Claudio Adão. Mas eu pensei, tracei ele de tudo quanto é jeito. Marcava ele no pensamento, “não esse cara não pode andar, minha chance, minha chance, é minha chance.” Desse tempo aí eu já tinha esquecido Copa do Mundo. [risos]. Nesse tempo aí a minha maior preocupação era ter uma oportunidade, e ela apareceu. E do jeito que o treinador falou, eu falei: “é a única, se eu não aproveitar, acabou.” Do jeito que ele me falou, foi o que eu pensei. E eu também não sabia que tinha sido destaque na Taça São Paulo, ninguém me disse. Acho que nem a Ponte sabia. Aí desenhei o Claudio Adão o dia inteiro, fiquei pensando nele o dia inteiro. Aí eu entrei em campo, começou o jogo, o jogo foi 0x0. Esse cara não andou na minha frente. Mas eu sempre fazia uma autoanálise em mim. Eu tenho um amigo aqui em Vinhedo, eu já faleceu tem uns dois anos, um amigo assim de infância. Ele é um pouco mais velho do que eu, mas muito tempo nós somos amigos. Desde quando eu entrei para a Ponte, ele era ponte pretano doente, desde 69 ele ia assistir a Ponte. Em todo lugar que a ponte ia, ele ia assistir. E aí eu peguei uma carona com ele para vir embora depois do jogo. Ele olhou para mim e falou assim... ele chama Teco, apelido dele é Teco, ele chama Antônio Carlos. Ele olhou assim para mim e falou: “rapaz, eu nunca vi um zagueiro jogar tanto quanto você, nesse jogo”. Eu até assustei. Mas como? “Você jogou demais da conta, eu nunca vi, eu acompanho futebol desde 69, -era 79- eu nunca vi um zagueiro jogar tanto quanto você.” Me encheu de moral, meu amigo, um cara que conhece futebol, conhece a Ponte Preta no fio de cabelo ele conhecia todos os jogadores, ele acompanhava treino, era assim, e ele me fez esse elogio, eu falei: “pô, mas que bom, hem.” Aí a Ponte foi jogar no domingo pelo Paulistinha, contra o América, já fui como titular, olha só. E daí fiquei. E daí foi. Aí veio o ano de 76, arrebentei no campeonato... A gente vai ver as notinhas no jornal e as minhas notas aqui na Ponte Preta sempre foi de nove para cima, todo jogo. Então foi uma ascendência muito grande, e que dois anos depois, -em 76 que eu comecei a jogar-, dois anos depois estava na Copa do Mundo de 78. O Lauro Moraes que era o presidente na época, falou assim para mim: “olha, não se iluda, mas você tem 70% de chance de ser convocado.” Porque tinha alguns zagueiros aí, o próprio Moisés que tinha sido campeão no Corinthians, tinha o Guarnieri, que era do Atlético Mineiro, tinha um que fazia dupla de zaga com... que depois veio a falecer, era Roberto ou Rogério, jogava

junto com o Abel Braga no Vasco. E tinha até um do XV de Piracicaba também, que estava numa ascendência danada que disputou o campeonato Paulista espetacular pelo XV, um zagueiro muito bom. Então ele falou: “está aí, seu nome está no meio”. Vamos torcer, não é? E o Coutinho veio ver um jogo nosso aí. Nossa Senhora...

B.H. - Isso em...

J.P. - Em 78.

B.H. - Em 77 tinha tido a campanha também do vice-campeonato.

J.P. - Foi crescendo, a Ponte cresceu. Porque o jogador sozinho não consegue crescer se o time não crescer junto. Se você não chegar na final...Zagueiro não aparece se o time não chegar na final, não adianta. Hoje já é um pouco mais diferente. Hoje os caras têm muito interesse. Hoje o mercado vai para lá, vai para cá. Antigamente, não, o cara começava num time e ficava lá, era difícil uma negociação.

B.H. - A Ponte cresceu porque o presidente investiu, a organização foi mais bem feita ou aquela preparação física intensa...?

J.P. - O time que encaixou. Por exemplo, saiu do júnior: Carlos, goleiro, Oscar e Polozzi, o trio ali. Era do júnior da base da Ponte. Veio o lateral direito, Jair Dicele, veio lateral esquerdo lá do Paraná, do Pinheiros do Paraná, o Dirlei, que a gente não conhecia. O Jair já veio no começo, nesse começo. Quando eu comecei a entrar no time, o Dirlei chegou, chegou o Jair Picerni, chegou o Lucio que era o ponta direita que veio do Mato Grosso, e era antes Pedromar no lugar do Wanderley, o Wanderley Paiva estava no Atlético, foi para o América, depois que ele veio para a Ponte. E o Dicá já estava também. Aí veio o Rui Rei, no ano de 76, ele saiu da Ponte, ele também ficou essa época, depois que ele foi campeão que ele saiu, foi para o Corinthians, acho. Criou aquela polêmica na época. Então, o time que foi formado basicamente em 75. Aí eu entrei, entrou o Lucio, entrou o Dirlei, em 76 já fez uma boa campanha. Em 77 começamos a ganhar tudo, de todo mundo. Se fosse contra [inaudível] era campeão. Nós classificamos em primeiro lugar. Depois na octagonal nós ficamos em primeiro



lugar outra vez, e aí o Corinthians junto. Nós demos azar que veio o Corinthians, se vem qualquer outro a gente papava.

B.H. - E na sequencia de três da final, que foi extremamente disputada e difícil de ser conquistada...

J.P. - Nós jogamos cinco vezes contra o Corinthians num campeonato só. Então é turno e retorno, aí vai para octagonal, turno e retorno, aí vai os três jogos da decisão, então, sete jogos, não cinco, sete jogos. Cinco nós ganhamos. Foi de 4, foi de 3, foi 2x1, 2x1, 2x1. E foi lá e cá. As duas principais, de 1x0, nós dançamos. Hoje eu acho...

B.H. - Aquele gol que bateu, rebateu.

B.H. - É. Hoje, eu não sei. Hoje eu vejo aquele vice-campeão como até um bom negócio, por quê? Porque esse título que o Corinthians ganhou, deixou o time da Ponte famoso. Porque a Ponte Preta fez a seleção do século da Ponte em 2000, entraram dez jogadores desse time, só ficou fora o Jair Picerni. E olha que a Ponte Preta, depois de mim, teve Nenê Santana, tem o Juninho, zagueiro, tem André Cruz que foi um baita de um zagueiro. Depois que eu ganhei do André Cruz na seleção do século, porque entrou eu e Oscar, eu falei: “bom, realmente eu jogava bem”. [risos]. Aí que eu comecei a perceber que realmente eu jogava bem, porque as pessoas falavam que eu jogava bem, mas eu sempre com pé atrás. “Não, preciso melhorar”. Eu buscava, eu buscava. Até que eu fui para o Palmeiras, aí...

B.G. - Mas nessa época de 77, tinha sondagem de outros clubes?

J.P. - Olha, se tivesse sondagem de outros clubes, a gente não ficava sabendo. Eu fiquei sabendo que um clube da Espanha, não sei qual deles, teve interesse em levar o Carlos, o Oscar e o Polozzi, os três. Eu vi até uma notícia no jornal, mas nada de conversa com a gente. Quando acabou o contrato do Oscar... Foi assim, a sequencia. Acabou o contrato do Oscar, ele renovou, e alto. E já estava muito alto para a Ponte, que a Ponte não tinha condição de manter três jogadores de seleção brasileira num time. Quer dizer, o salário não era igual agora, não chega nem perto de R\$ 50 mil, nem perto. Porque nós viemos da

Copa do Mundo, eu fui para a Copa do Mundo acho que ganhando uns R\$ 3 mil por mês ou R\$ 7 mil, que eu ganhava na Ponte. R\$ 7 mil do dinheiro de hoje. As coisas eram um pouco mais baratas, tal, então era um bom salário, mas não para você fazer um bom pé de meia. Na Ponte Preta eu joguei sete anos, não ganhei nada. Ganhei naquele ano de 77 que a Ponte foi vice-campeã, os bichos, nós ganhamos de bicho. Eu comecei uma casa aqui em Vinhedo com aquele dinheirinho lá, mas não terminei ainda, não terminei a casa com o dinheiro. Aí com o dinheiro da seleção, da premiação, não o salário, porque o salário é o mesmo da Ponte que a seleção paga, a seleção paga o que o jogador ganha no clube. Nós ficamos eu acho que três ou quatro meses lá, na época da Copa do Mundo, se preparando até a Copa, então a CBF que paga o salário. Agora, a premiação foi boa. A premiação foi legal, foi para eu terminar a casa. Quer dizer, foram sete anos de Ponte Preta, consegui uma casa. Então a gente não ganhava dinheiro. E antes da gente se ganhava menos ainda. Do passado da gente, eles falavam assim: “pô, se fosse hoje, se eu jogasse hoje...” É nada, não ia ganhar nada também. Agora, o futebol inflacionou quando? Em 1992, quando a Parmalat entrou no futebol do Palmeiras. Aí começou a inflacionar. Aí começaram a perceber, aí começaram a manchar as camisas, porque... Eu já dava essa ideia para o Palmeiras nessa época, para o Nicola Raciopi, eu falava: “sr. Nicola, porque o Palmeiras não mete um patrocínio na camisa, que nem Fórmula 1?” “É, vai sujar a camisa do Palmeiras.” “Como sujar a camisa do Palmeiras, vai ganhar dinheiro”, vai dar mais dinheiro para gente, o bicho do Palmeiras era horrível, o salário era fraquíssimo. O Palmeiras era o pior que pagava naquela época, se você quer saber. O São Paulo pagava bem mais, o Santos pagava bem mais que o Palmeiras, até o Corinthians. O Palmeiras era o que menos pagava. A italiana sempre foi mão de vaca. [risos], mas depois dessa fortuna que veio, mudou até o nome do Palmeiras, até a camisa. Ele falava: “não vai sujar a camisa do Palmeiras”. O Palmeiras só com aquela florzinha aqui, era ruim de patrocinar o Palmeiras, não ganhava nada. Falei: “vamos por um patrocínio aí na camisa, quem sabe a gente ganha mais dinheiro, pô”. “Não, não, não.” Eu falava isso quando eu fui para lá, em 79, Aí em 92 a Parmalat mudou a cor da camisa, mudou nome, Palmeiras Parmalat, mudou o nome! Tudo dinheiro, faz tudo. E hoje, por causa dessa entrada da Parmalat, os outros times também entraram, os outros patrocinadores viram que a Parmalat ganhou dinheiro no Palmeiras, aqueles jogadores todos eram vendidos. Todos os jogadores que o Palmeiras teve naquela época, que foi campeão, campeão, campeão, ganhou



várias... Em 92, que até o Wanderley Luxemburgo começou lá, começou a crescer, ele já tinha sido campeão com o Bragantino, ele pegou o Palmeiras nessa época, aí, vendeu todo mundo. Era US\$8 milhões num, oito no outro, quer dizer, dinheiro que a Parmalat investiu acabou recuperando lá, e aí os patrocinadores agora só vive no patrocínio.

B.H. – Polozzi, esse período final dos anos 70, a cidade de Campinas apareceu para o cenário do futebol brasileiro. Como era jogar contra o Guarani, a rivalidade, conta um pouquinho.

J.P. - Sempre Ponte e Guarani foi uma rivalidade muito grande, é até hoje. Eu, na minha trajetória como profissional, eu nunca perdi para o Guarani, eu jogando. Mas também ganhei uma ou duas só, o resto empatou. Na época que o Guarani ganhou da Ponte, que foi naquele campeonato de 78, o Guarani foi campeão, que tinha um timaço, foi a época que nós estávamos na seleção, e o Careca estava começando. Careca tinha 16 para 17 anos, acho. E o Guarani com aquele timaço que ele tinha lá, foi campeão brasileiro. E ele ganhou da Ponte. Mas jogou Juninho e Nenê. E eu, Oscar e o Carlos, três jogadores, estava com três jogadores na seleção, então nós não jogamos. Mas no período de 76... Porque meu segundo jogo no profissional de 76, no Campeonato Paulista, foi contra o Guarani. Nós estreamos contra o XV de Piracicaba, ganhamos lá o jogo de 2x0 e viemos pegar o Guarani no Moisés Lucarelli. Eu até tinha me machucada na terça-feira, tive uma contratura, fiquei quarta, quinta e sexta sem treinar. Aí no sábado meti minha chuteira com dor na perna. E o Zé Duarte: “você está sentindo...”, “não, não estou não.” “Dá um pique aí.” Até os outros jogadores me analisavam, “tá sentindo, você vai jogar machucado”. Eu falei: “não estou não”. Mas estava. Ah, jogar contra o Guarani... E ainda estava meio que chovendo, chuviscando, a bola ficou mais pesada, tal, eu realmente estava sentindo, mas dava para ir. Tanto é que eu joguei e nós ganhamos do Guarani de 2x1, esse eu me lembro muito bem. Aí teve o segundo turno, foi lá embaixo, aí nós empatamos. Nós começamos a ter mais dificuldade contra o Guarani quando começou a vir o Careca, Zenon, Oscar Bosó, os caras jogavam, Guarani tinha um time fantástico. Foi feito naquela época, o Placar fez uma seleção de Campinas e fotografou, nós fomos em cima do motel, lá em cima mesmo, para pegar a cidade de Campinas lá atrás. Então foram seis jogadores da Ponte, foi o Carlos, o Oscar, o Polozzi, o Lucio e o Tuta, deixaram o Dicale fora, por

causa do Zenon. E aí foi os dois laterais do Corinthians, o Mauro Cabeção, que já faleceu, o Miranda, lateral esquerdo, foi o tripé de meio, foi Zenon, o Renato e o Careca. Foram cinco do Guarani, dois lateral e os três do meio de campo, do meio para a frente.

B.H. - A pressão, a rivalidade, o time, você sentia a pressão da torcida?

J.P. - Na verdade, eu nunca senti essa pressão da torcida da Ponte em Derbi, contra a gente, porque quando perde... A torcida da Ponte é danada. Nós perdemos nessa época, nós perdemos o jogo lá que os caras vinham na janelinha do vestiário reclamar pra caramba. Perdeu, era duro. Às vezes, brasileiro, vinha aqueles times lá do norte que a gente nem conhecia na época, e a gente tinha dificuldade, as vezes até perdia, e aí a torcida caía de pau. Como até hoje ela faz isso. Eu até acho a torcida da Ponte um pouco ingrata, porque ela criticou a saída do Clei, que foi para o Palmeiras, criticou, mas eu já vi várias vezes os caras xingarem lá, porque assisti vários jogos da Ponte na série B, quando subiu o time da Ponte, e agora no Brasileiro assisti dois jogos da Ponte, agora no final aí, contra o Santos e contra o Cruzeiro. Várias vezes eu ouvi os caras criticarem. Agora, os caras saem, eles falam que é mercenário. Pô. Se manda embora... Eu vou dizer uma coisa, se ele perde mais um ou dois jogos, ia mandar ele embora. A Ponte começou a perigar, aí veio outro treinador e a Ponte conseguiu ganhar dois jogos, do Santos e Cruzeiro, e escapar da posição incômoda do rebaixamento.

B.H. - E a final em 77 contra o Corinthians, a pressão da torcida corintiana, você sentia ou já era possível ali já controlar essa...?

J.P. - Depois que a gente começa a correr lá dentro, a gente só escuta aquele zuuuu, parece um enxame de abelha. [risos] Tinha tanta gente naquele Morumbi lá, e da Ponte Preta tinha dois dedos que você media assim, e o resto era tudo corintiano. Imagine, como é você jogar... Me parece, pelas histórias aí, que o maior público do Morumbi, até hoje, foi um desses jogos, eu não sei qual deles, mas eu acredito que tenha sido aquele que nós ganhamos, porque eles já foram para decidir. O torcedor foi para decidir o campeonato, então ele não deixou de ir no segundo jogo, e agora no terceiro jogo diminuiu a renda porque os pessimistas, não foram. O otimista já foi, "agora a gente vai definir".



E eles fizeram 1x0 e nós viramos o jogo para 2x1, gol do Dicá de falta e do Rui Rei. E depois levamos para o terceiro jogo, mas foi gente, Nossa Senhora. Todos eles foram acima de cem mil pessoas. Uns dizem que é 122, outros dizem que é 140, quer dizer, já vi várias notícias assim, mas... O Morumbi, me parecia que era 150 mil pessoas sentadas, sentadas, e a gente olhava assim e não via nenhum lugarzinho, nem um espaço. Mas é duro. Se você não se controlar emocionalmente você não enxerga ninguém mais dentro. Hoje eu tento passar isso para jogadores, para ele tentar controlar a adrenalina. Porque todo jogador tem, até o mais craque aí, tem. Até Neymar, na seleção ele tem adrenalina. Só que ele já tem uma maior autoconfiança nele que ele controla a adrenalina. E como eu tentava, eu controlava a minha também. E tem jogador, que é duro, você percebe a dificuldade que o cara está tendo de jogar, por causa da adrenalina, por causa do medo, provoca aquele frio, a perna não obedece, não enxerga ninguém. Você está falando, o cara sozinho do seu lado, o cara não vê, o cara não vê a camisa. Os primeiros jogos que eu também comecei a jogar no profissional, no júnior já não era assim, porque no júnior a gente não tinha responsabilidade, no profissional a responsabilidade aumentou. Eu só sei que eu pegava na bola, mas cadê meu time? Não via, não via nenhum jogador do time, você pensa o que? Você olha para cá, você só vê adversário, por causa da adrenalina, cara. Aí o que eu fazia? Para não perder a bola, eu comecei a visualizar a posição do atacante, e eu sempre tive um bom passe, então eu pego a bola aqui, se não vejo ninguém aqui, eu pum no peito do atacante, eu fazia o passe bem, tanto com a esquerda como com a direita. O jogador hoje para fazer passe é duro, os caras erram muito passe. A média de passe errado naquela época nossa era de seis, sete, oito passes por ano, não era por jogo, não. Eu não errava passe. Chutão para frente, não é passe errado. Por exemplo, a bola vem no meu pé, jamais ia errar um passe, não errava. Ou toca perto, toca aqui, vira o jogo, mas não errava passe. E hoje, você vai fazer a tabela de erros de passe é assim: 60 passes em jogo errado. Têm uns que erram seis, sete, oito, nove, dez passes. O que é isso? Não pode. Tem que tentar. Não, não. Quem tem que tentar, tem que conseguir. Futebol você não pode chegar: “mas eu tentei”. Não. Quando você toma uma decisão para tentar, você tem que conseguir, senão toca a bola, trabalha a bola, pô. Você não pode ficar toda hora... você tenta uma, perde, tenta outra, perde, tenta outra, perde, espera aí. Toca que você não perde.



B.H. - Dos jogadores de seleção brasileira fala-se muito que o Domingos da Guia foi um dos primeiros zagueiros que não espanava a bola. Ele era altivo e...

J.P. - Eu não acompanhei, não vi o Domingos da Guia jogar, mas diz que a classe dele era fantástica. Quer dizer, pum, matava no peito. Que nem Djalma Santos na lateral direita, não errava nenhum passe. O cara para chegar em seleção brasileira, ele não pode errar passe. Zagueiro tem que ser diferenciado. Eu acho que esses dois zagueiros da seleção brasileira eles são diferenciados, são muito habilidosos os dois, David Luiz e o outro lá.

B.G. - Thiago Silva.

J.P. - Thiago Silva. Pô, o cara vira a bola, passa, o cara está do lado dele, o adversário, ele não se apavora, é tranquilo, por isso que eles são titulares da seleção brasileira. Agora que a gente está tendo a oportunidade de ver os caras jogar na seleção, porque eu nem... Na Europa a gente está sempre jogando nas horas que eles estão jogando também, então não dá para ver muito, mas esses dois zagueiros da seleção é muito bom, muito bom.

B.H. - Polozzi, esse campeonato de 77 ele é interessante porque ele é um campeonato estadual, mas em função de toda dramaticidade que o Corinthians vinha tendo, de 24 anos sem título, é que ganhou uma projeção nacional, transmissão em televisão, teve uma repercussão maior para além do estado de São Paulo. Você acredita que esse jogo te deu uma visibilidade que no ano seguinte culminou na sua convocação?

J.P. - Isso ajudou, esse jogo, nossa! Uma, que todo mundo passou a conhecer a dupla de zague, o Brasil inteiro passou a conhecer a dupla de zague. E Oscar e Polozzi passaram a conhecer e a perceber, porque o Brasil inteiro assistiu esse jogo. Esse jogo pelo Corinthians estar 20 e tantos anos sem título, isso despertou uma tensão que quem não era corinthiano, lógico, foi torcedor da Ponte, então, se o Corinthians tinha lá na época milhões de torcedores, o restante era tudo da Ponte. Então a Ponte ganhou uma força, uma força extraordinária, os jogadores da Ponte, e a dupla de zaga, Oscar e Polozzi, que já vinha de 76, 76 nós fomos considerados a melhor dupla, e a menos vazada. Olha que interessante, a gente não tomava muito gol, mas só que também não

fazia. [risos] O povo que tomava, cobria o que não fazia. Por isso também que a Ponte nunca ganhou nada. A Ponte chegou em três decisões em seguida, que foi 78, 79 e 80. Eu acho que chegou em quatro. A outra foi agora contra o Palmeiras que levou uma goleada aí, há uns dois, três anos atrás. 2008, isso. Ainda jogou em Campinas, teve a facilidade de jogar em Campinas, e nós não jogamos. Nós tentamos trazer o jogo para Campinas, aí o Matheus falou assim: “tudo bem, nós vamos jogar no Moisés Lucarelli e nós vamos jogar lá na Fazendinha”. Pronto. Ele não se importava com renda, porque ele queria o título e não renda. A Ponte já queria mais a renda do que o título. [risos] É, mas é verdade. Por isso que a Ponte Preta concordou em jogar os três jogos no Morumbi. Certo?

B.H. - Na época o patrocínio era muito menor do que hoje, então, realmente, a renda que era...

J.P. - Todo time vivia de renda. A Ponte só vivia de renda, não tinha nada na camisa da Ponte, nada, era só renda. E a Ponte na época, olha só, a Ponte foi crescendo tanto de 76 até quando foi vice-campeão, em 78 também, que foi mantendo a maioria dos jogadores, a renda da Ponte, vou pegar um time considerado pequeno do interior, contra Marília, contra o São Bento, contra XV de Jaú, contra Piracicaba, Botafogo, tudo time intermediário, igual da Ponte, a Ponte está um pouquinho melhor do que eles agora. Lá em Campinas era de dez mil para cima, e hoje, eu fui ver Cruzeiro e Ponte Preta, não passa de dez mil. Sabe por quê? Os caras vão ver o Cruzeiro, vai ver quem no Cruzeiro? Eu fui ver o Cruzeiro, não conheço ninguém no Cruzeiro. Porque o torcedor quer ir ver o cara de nome. Eu fui ver o Santos jogar, para ver o Neymar jogar. Não vi, mas fui lá. [risos]. E ele pegou na bola. “Neymar nem pegou na bola”, não, ele pegou na bola todo o tempo, só que não deixaram ele jogar. E ele por essas estafas de viagem, jogo, jogo, jogo, ele também não é de ferro. Eu sei o que ele está passando porque eu fui jogador, eu sei disso. O torcedor está lá em cima, e está xingando o coitado lá: “não joga nada...” Brincadeira? O torcedor não entende. Eu acho que torcedor de futebol, quando ele está lá dentro do campo, ele não é ser humano. Não é, ele muda. Quando ele sai de lá, que ele vai para a casa dele, ele volta a ser ser humano. Porque, veja bem, o cara paga R\$30 para assistir o jogo do time dele, vai lá e xinga barbaridade o jogador dele, xinga juiz, eu fico do lado vendo assim, falo: não é possível que a pessoa tem tanto ódio, tanto rancor dentro do coração. Onde está Deus dentro no coração



dessas pessoas? “Deus está ali no meu coração”. Mas como? Como? O cara tira Deus do coração, xinga, depois bota Deus no coração! Não. Então eu acho muito estranho a atitude do torcedor, muito estranha. Você vai para ver um espetáculo, se você não gostou, sabe o que você faz? Você não aplaude, só isso. Se você gostou, você aplaude. Isso que o torcedor tem que fazer. Já vi jogos que eu fiquei assim, arrepiado, não é possível que... Um amigo meu mesmo, olha, nós fomos assistir Bandeirantes de Birigui, ele é de Birigui. Aí eu estou sentado do lado dele, começamos assistir o jogo, mas vde repente esse cara começou a xingar o árbitro, começou a xingar jogador, eu falei: “mas o que isso, rapaz, [inaudível], não, você não é meu amigo. Nunca mais vou assistir jogo com você, o que isso aí, rapaz!” E olha, criancinha, cinco anos, sete anos, o pai xingando. O pai xinga, a criança também. Eu tenho vontade de falar. Mas para não querer arrumar confusão, então... Eu tenho vontade de falar. Não é brincadeira não, “você está ensinando seu filho a xingar, cara?” Que bela educação está dando para os filhos. Então, você vê cada coisa estranha. Para mim são alienígenas, quando entra lá dentro, nossa, eles ficam de um jeito que até mata.

B.G. - Mas essa cobrança da torcida, na época que você era jogador, você sentia isso muito forte ou acha que hoje é mais forte?

J.P. - Ah, era forte. A hora que era entrar no Palmeiras numa fase ruim que nós tivemos lá. Conhece o Parque Antártica? Estaciona o ônibus ali no estacionamento, aí você para. A gente passava por um corredor, acho que tinha mais ou menos umas 30 pessoas, uma atrás da outra assim, o corredor ficava desse tamanho, curtinho, você passava meio de lado para passar, aí vinha as mãos nas costas: “vamos lá, hoje, hem.” É. Então você já entrava lá dentro numa pressão danada, o time numa fase ruim. Certo? Porque o Palmeiras não é a primeira vez que passa fase ruim. E nessa época nós passamos fase ruim também, nós tivemos fase boa também com Telê Santana, nós chegamos a duas decisões. Perdemos, mas quando você chega numa decisão é outra coisa que estar lá embaixo. Mas o Palmeiras disputou a série B do Brasileiro, mas era diferente, ela tinha uma outra cor, acho que era verde e amarelo, um negócio assim, primeiro era amarelo, a segunda era verde. O Palmeiras disputou também. Uma época que eu me machuquei... Alias, eu só me machuquei no Palmeiras, tive três cirurgias no Palmeiras, uma do rim, apêndice e do joelho, então atrapalhou muito a minha carreira lá, fiquei muito de fora. E nessa



fase ruim do Palmeiras eu também acabei ficando de fora. Como o jogador entra? Tinha gente que ia atrás de jogador para agredir, para bater. Já vi briga de jogador com torcedor. Num jogo Juventus e Palmeiras, lá no Pacaembu, o Gilmar, o goleiro, tomou um gol no finalzinho do jogo, ele vacilou no gol, vacilou um pouquinho. Aí o torcedor caiu de pau em cima dele. Nós estamos saindo aqui e os torcedores... o que separava era um parapeito de ferro, e o cara xingando, e o Gilmar entrou sem olhar para o cara, e o cara xingando, xingando, xingando, -eu já estava dentro do ônibus, estava ali só olhando-, o cara não se contentou, pôs a mão, ah, a hora que pôs a mão, fez assim óh, tinha cinco jogadores, ele, Pedrinho, um goleiro chamado Ivan, tem uma mão desse tamanho, pô, os caras desceram... “onde que vão essa gente?” Mas deram porrada no cara, mas deram porrada no cara. Foram processados. Que nós fomos para o Bangu, eu e o Gilmar fomos para o Bangu, em 84. E lá no Bangu, o Bangu fez uma viagem para fora do país, tal, foi tirar... o [Coelho]* não pode viajar, não pode viajar naquele dia por causa do processo que ele tinha do cara. O torcedor processou ele. O torcedor pode bater a mão, se o jogador bater nele, sabe o que ele faz? Vai processar o jogador, para ver se tira dinheiro, acho. O cara nem de xingar ele tem o direito porque ele paga, ele não tem o direito de xingar um outro ser humano, ele não tem. “Eu tenho direito de xingar porque eu pago.” Então é gente ignorante, gente que não tem nem noção do que é. Será que dentro da casa dele, com a família dele, com os filhos dele deve ser do mesmo jeito, porque não é possível um cara fazer assim. Olha que a gente vê gente engravatada fazer assim. Não é só pobre que faz, não. Os caras perdem a consciência do que está fazendo lá dentro.

B.H. - Às vezes para o jogador a torcida se torna o próprio adversário...

J.P. - Hoje, eu me converti ao evangelismo tem cinco anos, me converti com 52 anos. Então eu tenho lido muito a Bíblia, tal, tenho andado no caminho de Deus, então eu começo a ver essas coisas como uma coisa assim, nossa, fora do normal. Antes não, antes era tudo comum. Quer dizer, uma pessoa morrer ali era comum, uma criança morrer era comum, um acidente aqui era comum, “tudo é coisa da vida, o cara tem que passar...” Nada disso, não temos que passar por nada disso. Nós é que causamos essa situação para a gente passar. E o torcedor da forma que ele é, que ele age, a gente não conhece a vida dele fora, ele, com certeza, ele vai passar por problemas também, porque não é

uma forma de agir o jeito que eles agem. Olha, eu como treinador, ainda não consegui ter a oportunidade que eu tive como jogador, porque se eu tiver, eu não deixo escapar mais, mas é difícil a gente ter. A visão em cima de treinador não é igual de jogador. Jogador ela se torna mais individual. Se você jogar bem você vai, se não jogar você fica. Treinador, não, treinador é uma visão diferente.

B.H. - O treinador lida com a pressão dos dirigentes e dos jogadores.

J.P. - E do torcedor. Olha, eu tenho ficado... Às vezes a gente até sai fora do sério, porque não tem como se segurar. Olha... E o cara, assim, no mesmo jogo o cara te chama de burro, aí depois te aplaude, depois te chama de burro outra vez, depois te aplaude, eu falo: “da onde que vem tanto ódio do coração do ser humano para xingar um outro que está trabalhando?” A gente faz aquilo para perder? Você acha que o treinador, você acha que o Felipão estava no Palmeiras para perder, ele só quer ganhar, certo? Procurou um bode expiatório por causa das derrotas do Palmeiras, lógico que ele tem que procurar. Ele está na dele, se ele tiver um time bom, ele é o melhor treinador, como eu também. Agora, se você não tem um time de alta estrela, se você não conseguir um esquema ideal para que o jogador se adapte com facilidade, porque foi isso que o Tite fez, ele conseguiu um esquema ideal no Corinthians, e os caras se adaptaram bem e ele ficou 27 partidas sem perder no Brasileiro, 27 rodadas em primeiro lugar. E tinha gente que queria mandar o cara embora! Não tinha? Porque ele ficava dois pontos na frente do segundo. “Não, tinha que ser cinco.” Perdeu um jogo... podia estar cinco pontos na frente, então você vê como é o torcedor? Não é brincadeira. Você está lá com uma pressão danada, e trabalhar sob pressão é duro. O torcedor acha que, pô, é fácil. Até o pobre do Neymar: “o Santos não sou só eu não.” Porque os caras estão achando que o Santos é o Neymar. Não é só ele. Vai chegar uma hora, vai ser como o jogo da Ponte aí. Ele vai tentar e não vai conseguir, vai tentar, não conseguiu nenhum lance contra a Ponte. Isso eu vi, o cara joga a bola para ele e sai, e deixa que ele resolva. Aí ele vai dribla três, quatro, vai lá e toca para o outro fazer o gol ou ele mesmo faz. Aí é fácil, não é? Daqui a pouco se ele não conseguir, torcedor vai cair de pau... “pode vender essa droga aí que já foi.”

B.H. - Polozzi, retomando aquela passagem do ano de 77, você acredita que tenha influenciado a sua convocação. Como foi ser convocado em 78, no ano de

Copa do Mundo, talvez realizando aquela promessa que você tinha feito em 74, o anúncio de 70% de ser convocado, como foi isso?

J.P. - Eu não cheguei a comentar com a minha mãe a chance que eu tinha de ir para a seleção, não falei nada. Eu sabia por que o presidente veio falar para mim, é lógico que com a força do presidente da Ponte na federação na CBF, também ajudou. Nem sei se envolveu dinheiro também, mas ajudou muito a pressão do presidente da Ponte lá. E a pressão da imprensa paulista também, que a dupla de zaga tinha que ir para a Copa do Mundo, era a melhor dupla de zaga. E teria até que jogar. Mas o Amaral estava há mais tempo na seleção. Aí quando chegou no dia da convocação, eu também estava meio com pé atrás outro na frente. Como ele falou para mim, falei: “posso até não ir, não é?” Bom, então o que eu fiz, isso eu me lembro muito bem. Treinei de manhã, a convocação saiu em torno de uma meia para duas da tarde, eu saí de lá, vim almoçar aqui na minha casa, eu nunca vinha almoçar em casa, quando ia sair a convocação, estava para sair, eu peguei meu carro e fui embora para Campinas, fui bem devagar, para eu chegar na hora do treino, as três e meia. Aí eu cheguei era muito cedo em Campinas, aí eu fui até o centro, passando na Barão de Jaguara, uma das ruas principais do centro, eu parei, o carro parou na frente, eu olhei do lado, uma televisão dentro de uma loja, a cara do Coutinho. Falei: “pronto, está saindo.” Continuei, não estou sabendo. Foi, foi, foi, fui dando um tempo, aí fui para a Ponte Preta. Estacionei o carro do lado do bar do português, que até hoje, desde que eu era novinho e até hoje ele está lá, estacionei o carro ali, entrei, fiquei tomando um refrigerante, tal, aí vem subindo um jogador da Ponte, Eugênio, zagueiro que jogou comigo na Taça São Paulo, que a gente já estava na profissional os dois. Aí ele falou assim para mim, ele veio dando risada, pensei assim, vai me gozar. Se eu não fosse convocado, os caras iam me gozar, certeza. Porque você fica na expectativa. Aí, ele falou assim: “parabéns, hem!” Eu falei: “do que?” “Você foi convocado.” “Ah, você está de brincadeira.” “Não, você foi convocado.” “Você está me gozando, não, está me gozando.” “Sério, você foi convocado.” Aí eu já fiquei meio ansioso, já peguei o carro e descii, já parei na frente da Ponte, o que tinha de jogador ali, “parabéns, tal”, e eu aqui não acreditando, e os caras foram me cumprimentando e eu não acreditando, falei: “ah, rapaz, e agora hem?” Na verdade, eu estava treinando na seleção, já estava com material da seleção, e eu não estava acreditando. Bom,

eu [inaudível] [risos], problema sério. Eu voltei para casa depois do treino, eu falei assim para minha mãe: “eu não falei para você que eu ia ser convocado? Eu não falei que eu ia para a Copa do Mundo?” Ela deu risada e falou: “você falou mesmo.” Aí minha tia, tia Zuza, já morreu, minha mãe também morreu, eu falei assim: “não falei para você que ia ser convocado?” Então, “parabéns, tal.” Eu, na verdade, não me determinei a ir para a seleção, eu me determinei a ser um profissional na bola, um jogador profissional. Como eu sempre fui um cara, sou até hoje, perfeccionista, eu procuro levar a coisa tudo em cima ao pé da letra, e eu treinava, eu treinava mesmo. Eu fazia tudo que eu imaginava que eu precisava a mais. As vezes as pessoas olhavam para mim: “O Polozzi está meio louco porque...” Antes de começar o treino, eu levava uma bola. Eu ficava chutando para cima, sozinho, lá no meio de campo. Aí a bola ia longe, eu ia lá e dominava a bola, chutava, dominava sem deixar cair no chão, dominava com a esquerda, com a direita, de tudo quanto é jeito, antes do treinamento. Então eu já tinha feito uns 20 piques lá dentro correndo atrás da bola para dominar, para a gente ter a noção da distancia, da altura, de ter um bom domínio. Então treinava todo dia isso. E depois cabeceio, cabeceio, cabeceio. Dava 200 cabeçadas por dia. Aí você vai melhorando. Por isso que eu tinha uma precisão de posicionamento. A bola saía do pé do cara eu já sabia onde ia cair, então eu ia no ponto máximo, sempre. Eu chegava primeiro que os caras por causa disso, eu subia primeiro que ele, e eu ganhava de todo mundo de cabeça, e eu não tinha uma grande impulsão, a minha impulsão não era coisa extraordinária, era normal. Talvez eu saia 40, 50 cm do chão, nem me lembro, só que o tempo da bola fazia com que eu saísse primeiro do que o cara, então eu levava vantagem em cima de gigante de dois metros. Na época nós tínhamos dois de dois metros: Marcão, jogou no São Paulo e o um tal de Alcindo que jogou na Portuguesa, tinham dois metros de altura. E a gente ganhava bola de cabeça dele, até com facilidade, por causa do tempo de bola. Porque foi de tanto a gente treinar. Então você vai melhorando, o passe melhora. Eu treinava física muito forte também, então eu sempre achava que faltava alguma coisa. Para eu ser um profissional, e aquilo foi me levando para a Copa do Mundo. É lógico que com a ajuda dos companheiros da Ponte, porque se a Ponte não é um time bom também, eu não ia chegar em lugar nenhum.

B.H. - E seu estilo dentro de campo como era? Observador, falante?



J.P. - Eu sempre fui um treinador dentro de campo. Eu falava muito mais do que o treinador. Eu falava o jogo inteiro, eu orientava o time inteiro, posição por posição, até do goleiro. Lateral esquerdo está nas minhas costas aqui, cruzamento vem daqui, “fecha mais um pouquinho, abre mais, fecha”, eu posicionava o volante. O Wanderley Paiva ele falava assim para mim, não vou falar a besteira, mas ele falava uma besteira para mim: “pô, o que você quer que eu faça?” Porque eu falava para ele: “mais para a esquerda, mais para a direita, mais para cá, mais para lá.” “Onde você quer que eu fique?” “Fique onde estou mandando. A hora que eu vou mandando, você vai ficando. Por isso que você jogou bem na Ponte Preta, você está jogando bem por causa disso.” Até hoje, o Wanderley Paiva, ele anda assim. Ele fala assim: “Até hoje eu estou com dor nas costas de carregar esses dois aqui.” “Carregar esses dois... você melhorou quando veio para a Ponte, porque você jogou no Atlético Mineiro, dispensaram você, mandaram você para o América, aí a Ponte te contratou.” O Wanderley é o seguinte, ele veio para a Ponte já mais velho, acho que quase 30 anos. Ele começou no Atlético Mineiro, o Toninho Cerezo começou a jogar, ele sai de lá, veio para o América, depois veio para a Ponte. E na Ponte ele foi assim, ele chegou até a ir até para o Palmeiras depois. Na Ponte ele jogou barbaridade, muito bom jogador, uma que já tinha uma certa experiência. E aqui, “mais para lá, mais para cá”, e ele não sabia onde ficava, “fica onde eu estou falando, você vai ver só como você vai jogar bem pra caramba.” Então é posicioná-lo. Eu jogava com o Jorge Mendonça, aquele meio esquerda do Palmeiras, que não tinha nenhum cacoete de marcador, comigo ele marcava. Sem saber. É, comigo ele marcava. Porque a pior coisa era falar para o Jorge Mendonça: “Jorge tem que marcar esse cara, tem que pegar esse cara aí.” Que pegar... ele não ia atrás de ninguém. Ele só jogava com bola no pé. E era bom pra caramba. “Jorge, presta atenção, não é para você roubar bola de ninguém, mas a hora que eu falar, fica um pouquinho mais para esquerda, tal, adianta um pouco mais, afasta um pouco mais, você só faz isso.” Aí eu falava: “Jorge, um pouco para a esquerda...” olha só, o jogo aqui, aqui eu posicionando para não vir um cara de lá e vim chutar na minha cara a bola. Então ele marcava sem saber. Ele vai se posicionar, não é para roubar a bola. Entende o seguinte: “você tem que marcar o lateral porque ele vai descer.” Ele acha que é para roubar a bola, não é para isso, é para evitar que o cara receba com muita facilidade, só isso. Porque quem marca mesmo, quem rouba a bola, são os dois zagueiros, são



os volantes e são os laterais. Meia, não é para roubar a bola, os meias, não são para roubar bola e nem os atacantes. Se der para roubar, rouba, tudo bem, mas não são para isso, não é a função dele. A função desses outros jogadores que eu falei, esses têm que tomar a bola do adversário, porque senão o adversário vai toda hora lá dentro. Se não der para tomar também, o goleiro que se vire. É assim que funciona. Então a minha orientação, e eu falava o jogo inteirinho. E o Oscar era o capitão. É o capitão da faixa, só, e do par ou ímpar. [risos]. O Tuta então, jogava na frente, você só via o dente dele, um negão assim, e reclamava pra caramba, reclamava da defesa, você olhava para frente, o dentão dele, o Tuta reclamando. [risos]. É interessante esse time aí, é um grupo que se dava muito bem também, sabe? Então os reservas como os titulares, um grupo que se encaixou, é uma pena não ter sido campeão, foi uma pena não ter sido campeão. Mas hoje a gente vendo por esse lado... Porque, olha veja bem, em 1985 foi time campeão do interior pequeno, quem foi?

B.H. - O Inter de Limeira.

J.P. - Você sabe o time?

B.H. - Não.

J.P. - Você sabe em cima de quem foi?

Voz do cinegrafista - Do Palmeiras.

J.P. - Do Palmeiras, ele sabe, está vendo? Mas sabe a escalação. O Bragantino...

B.H. - O técnico era o Pepe?

J.P. - O Pepe. O Bragantino também foi campeão em cima de quem? Novo Horizonte. Quem era o treinador do Bragantino e quem era o treinador do Novo Horizonte? Ninguém sabe, porque o Bragantino foi campeão depois, mais perto. Agora, você vai lá para o nordeste, o cara me vê... Eles não lembram muito do Jair Picerni porque eles lembram do Edson, lateral direito que hoje está trabalhando aqui no time de São Bernardo. Na escalação eles botam Edson, aí eu corrijo: Jair Picerni. "Ah, Jair Picerni." Eles escalam o time inteiro. E não



conseguem escalar o time do Corinthians, isso que é interessante. Então, hoje, se a gente tivesse sido campeão naquela época, e o Corinthians tivesse sido campeão no ano seguinte, em cima de qualquer outro time, quem ia ficar conhecido até hoje ia ser o outro time. A Ponte é conhecida por esse detalhe, aquele time da Ponte. E você dizer uma coisa para você, enquanto a Ponte não for o campeão paulista ou campeão brasileiro, - não campeão de série B-, esse time não vai ser esquecido. No ano 2100, que a Ponte vai completar 200 anos, vai ser a mesma seleção se a Ponte não tiver um título nesse tempo, e que é difícil, é difícil. A Ponte não faz time para ser campeão, ela faz time para não cair. E ela não gasta muito dinheiro para subir no time, por quê? Porque ela tem um nome forte, a camisa da Ponte é um nome forte. Então, tem jogador, por exemplo, para série B do Brasileiro, ele prefere vir jogar... ele ganha 50 em outro time, mas ele vem jogar por 25 na Ponte por causa do nome da Ponte, ele sabe que jogador da Ponte vai para o Palmeiras, vai para o São Paulo, vai até para fora do país, e do Bua, e do Ceará, e do Fortaleza não chega a ter tanta chance. Por isso que a Ponte consegue fazer um time... Valor em dinheiro, o time do Curitiba, por exemplo, eles sobe com time de R\$ 1 milhão, o Esporte time custa R\$ 1 milhão para subir para a primeira divisão do Brasileiro, a Ponte custa menos de R\$ 600 mil. E a Ponte vai para o Brasileiro da primeira divisão também com time baixo. Porque eu perguntei lá o salário do time da Ponte, mas não é o time, é o geral, é o time todo, me falaram que é em torno de R\$ 1.200 milhão, que a Ponte gasta no campeonato, por mês. Então é todo mundo. É um time barato. Sabe quanto custa... O mais cara hoje deve ser o Santos, em torno de R\$ 7 milhões. Sete milhões para R\$ 1 milhão é muita diferença. Um milhão para R\$ 2 milhões, até R\$ 3 milhões, não é muita diferença, R\$ 1 milhão existe ou R\$ 3 milhões. Agora, se a gente vai para a parte mais baixa, por exemplo, time de R\$ 30 mil, que eu estou acostumado a trabalhar, para um time de R\$ 120 mil é muita diferença, muita, muita, muita. Esse time de R\$ 120 mil é muito melhor do que aquele de R\$ 35 mil. Só assim, em raras exceções, acontece um milagre de um time não investir nada e acabar subindo, mas é muito difícil.

B.H. - Polozzi, você falou do encaixa do time da Ponte Preta. E como foi o encaixe da seleção brasileira, você na seleção brasileira, o ambiente e o grupo dessa Copa?

J.P. - Eu disse para você que eu ainda não acreditava, pus a camisa, tal.

B.G. - Quando você acreditou?

J.P. - Eu passei a acreditar quando realmente nós fomos trabalhar com bola, quando começou a vir os jogos amistosos, aí sim, fo, “pô, realmente estou na seleção”. Porque até então eu estava fazendo as mesmas coisas que eu fazia na Ponte, que era treinar física, treinar a parte física, estava fazendo uma preparação física.

B.H. - Onde que era?

J.P. - A gente estava lá no hotel, na Barra da Tijuca, não me lembro o nome, e a gente treinava na praia, uma mini pré-temporada, que não tinha nem porque fazer aquilo, mas é que antigamente os caras eram uns cavalos para treinar, é. Os preparadores físicos não tinham muita noção. Que nem é hoje. Eles não tinham muita noção, achavam que o jogador é que nem cavalo, tem que correr. [risos]. E areia, areia, areia. A gente está dentro de um campeonato brasileiro, já tinha jogado a primeira fase já, a gente já tinha feito a pré-temporada do ano na Ponte Preta. Aí você vai para a seleção. Por isso que o Oscar até perdeu a posição dele numa Copa seguinte, em 86, ele perdeu a posição, sabe por quê? Porque ele já estava com uns 31 anos por aí, e aí faz a mesma coisa que o moleque, aquele Júlio Cesar fazia, um moleque muito mais forte que ele. Então às vezes coloca parte física demais, e vai saturando a musculatura e o cara vai para o jogo com as pernas já cansadas. O Palmeiras era assim, o Moraci Santana é um cavalo. Ele estava começando a carreira dele, ele começou no Palmeiras, quando o Telê chegou, ele já estava no Palmeiras. O Moraci Santana era um cavalo de treinar. Hoje, não, hoje é com computador, tudo no controle. Mas antes a gente treinava fora da medida.

B.H. - No caso da Copa de 78, o Claudio Coutinho vinha dessa equipe formada nos anos 70 e que vinha da educação física.

J.P. - É, ele era um professor de educação física. Agora, um homem muito inteligente. Nunca jogou bola, mas o cara que tinha uma... o falar dele, falava cinco, seis idiomas, o cara é inteligente, tinha um conhecimento do futebol muito grande, como o Parreira que também nunca jogou bola, e que é da mesma turma dele. Ele criou essa situação do overlapping, essa expressão, e esse uso



do overlapping que hoje se faz constantemente. Eu só achei que os treinamentos físicos eram muito puxado. Eu com 22 anos eu não estava aguentando quase o repuxo lá, não. Era treino pra caramba, demais da conta. Mas eu não sei o tipo de pensamento que eles tinham, só sei que a gente fazia, cansado e tudo, mas ia, não estava nem aí, tinha que ir. E aí a convivência, o pessoal extraordinário. O pessoal mais velho, por exemplo, como o Rivelino que já tinha duas Copas do Mundo, o Leão com duas Copas do Mundo, esse pessoal dava uma atenção muito boa para a gente, sério.

B.H. - Não intimidava?

J.P. - Não, nada de intimidação, tudo para a gente completar um grupo legal mesmo. Como nós somos em três de um time só, fica mais fácil, porque você já está sempre com os dois. E mais, de Campinas foram quatro, o Amaral jogava no Guarani, não, o Amaral já estava no Corinthians essa época, mas ele jogou no Guarani um tempão, a gente já se conhecia, então era como se fosse quatro caras de Campinas. E os outros também, o pessoal do Rio. A imprensa do Rio também me deu muita moral. Teve um cara da imprensa do Rio lá, que chegou para mim um dia lá, depois que a gente já estava treinando com bola, que já estava fazendo os coletivos, tal, ele falou assim para mim: “rapaz, você sabia que você foi convocado para ser dispensado?” Olha só. “Mas por que?” “Por causa.. A imprensa de São Paulo estava falando muito no seu nome, na dupla de zaga, mas acharam que você não ia aguentar aqui, mas você calou a boca de um monte de gente aqui.” Eu já tinha 22 anos, mas eu era meio abusado, eu não gostava de ficar em banco, não, nunca gostei, e sempre chiei com treinador, e chiei com o treinador também. Assim, meio que na surdina, mas foi parar na boca dele. Eu até comento que dois jogadores fumaram no vestiário da seleção brasileira, o Gerson foi um, e eu fui o outro. Que eu fumava nessa época, eu comecei a fumar com 15 anos de idade, e parei com 32. Então fumei minha carreira inteira. Nunca me atrapalhou, mas eu parei de fumar para eu jogar mais cinco anos e joguei mais cinco anos. E um jogo que nós tivemos lá na Arábia Saudita, o Brasil estava ganhando de goleada, e estou e o Leão no banco, os outros todos entraram. Eu falei: será que não vamos entrar? Estou comentando com o Leão aqui. O Leão não ia jogar porque jogou o Valdir Peres e jogou o Carlos nesse jogo. O Leão já era o titular absoluto, esse jogo ele descansou. Aí eu estou do lado dele, “mas eu não vou entrar?” Ele falou: “fala com o treinador aí.” “Ele não sabe que eu estou

aqui, caramba?” E acabou o jogo e eu não entrei. Ah, eu já fiquei meio aborrecido com aquilo, entrei no vestiário, tomei o banho, botei aquela roupa da seleção, que a gente ia sempre com uniforme, e comecei a fumar, acendi o cigarro na porta do vestiário. Estou lá fumando. Aí vem o doutro, não me lembro o nome dele, mas não era o Lídio Toledo, era o outro médico, “você está fumando dentro do vestiário!” Eu falei: “eu estou é de saco cheio, eu nem sei o que vim fazer aqui. Nós estamos ganhando de goleada e eu não entro, vou jogar quando?” Desabafei com ele. Um desabafo. Aí ele foi lá e jogou meu desabafo para o treinador, para o Coutinho. Aí o Coutinho veio conversar comigo. Ele falou: “aí, Polozzi, você está nervoso?” Eu falei: “não, não estou nervoso, eu estou um pouco chateado, porque o Brasil ganhou de goleada aí, e eu não entrei, pô, vou jogar quando?” Já estava terminando os jogos já, não tinha entrado em nenhum. Esse eu poderia entrar. “E aí, vai acabar e vai ter uma outra convocação, eu vou acabar sendo dispensado...” já deu uma forçada, “vou acabar sendo dispensado e não mostrei o que eu vim fazer aqui, não mostrei para ninguém, eu preciso mostrar.” Sabe o que ele falou, rapaz? “No próximo jogo você vai jogar.” Eu falei: “pronto.” Mas melhorou, não é? Ele gostou da minha atitude. O Coutinho é um cara muito inteligente, ele viu que realmente eu queria, e eu tinha 22 anos, eu era o mais novo. Não, tinha o Zé Sergio, mais novo que eu, acho que com 21 ou 20 anos. Nós dois éramos os mais novos. E viu essa determinação minha, o cara que quer jogar, pô, eu queria jogar, não fiquei lá com medo, “vou entrar hoje, vou jogar mal, vou ser mandado embora”. Não pensava nisso, não, eu pensava em ser titular, não era ser mandado embora. Mas eu dei uma cutucada nele e ele falou: “você vai jogar então no próximo jogo.” Ia jogar contra o Inter de Milão.

B.H. - Isso foi uma excursão?

J.P. - É, foi uma excursão que o Brasil fez na Europa. Nós ficamos um mês na Europa, nós jogamos acho que meia dúzia de jogos ou sete, não sei. O Brasil perdeu só um, que foi da França, gol do Platini, mas o Brasil deve ter ganho de uns cinco, mas perdemos de 1x0 porque perdeu bastante gol, depois perdemos o jogo. Depois ganhamos da Alemanha de 1x0. Nós fomos fazer uma excursão para jogar contra time que a gente ia jogar na Copa do Mundo, para mostrar nosso time. Mostrou o time para a Alemanha. Nós ganhamos da Alemanha lá de 1x0, gol do Nunes. Me lembro muito bem de uma jogada do Zé Maria que é brincadeira. Zé Maria era um trator, e ele machucou, não foi para a Copa. Mas



esse Zé Maria era um trator, não é brincadeira, ele deu um tapa na linha de fundo assim, mas deixou o alemão [inaudível], mas ele pegou a bola em cima da risca e meteu o cruzamento. O Nunes foi e fez o gol. Mas que jogada bonita, que velocidade, cara. Para pegar o Zé Maria no arranque, e quando pegava então, ele batia, o cara caia, não tinha jeito. Ele era um trator. Aí ganhamos os outros todos. Nós fomos para esse jogo, quando chegou na palestra do jogo, ele falou assim para mim: “Palozzi, eu falei que você ia entrar, mas você vai entrar no segundo tempo.” Eu falei: “não.” E agora, hem? Esperei o segundo tempo. Olha só como eu fui abelhudo, porque não podia ter feito aquilo. Eu corri um risco grande de ser cortado, mas eu queria jogar. Acabou o primeiro tempo, 1x0 para o Brasil, jogo duro, 1x0 só para o Brasil. Acabou o primeiro tempo, desceu todo mundo. Mas ele não chamou nenhum jogador. Os jogadores ficaram lá fazendo aquela rodinha. Antigamente o time que não chamasse para entrar, ficava fazendo aquele bobinho lá para aquecimento. Eu desci e ele está aqui em pé, os jogadores todos sentados para ele fazer a palestra do intervalo e eu atrás dele aqui assim. E os caras olhavam para minha cara e pensavam: “o que o Polozzi está fazendo ali?” E os caras olhavam para mim, e davam uma risadinha, e ele falando do jogo. Quando ele terminou a fala dele, estava quase na hora de subir, ele olhou para mim e riu, ele me viu atrás dele. Ele falou assim: “Amaral, deixa o Polozzi entrar no seu lugar.” Entrei sem aquecimento. Aquecia na hora, rapidinho, porque já entrei no campo, comecei a aquecer no campo, entrei num jogo duro pra caramba, difícil, ganhamos de 1x0 só. Acho que ele pensou assim, esse cara teimoso, vou deixar ele entrar aí, ele vai se danar, eu corto ele. Porque ia ser cortado um. Por causa da vinda do Roberto Dinamite ia ser cortado um zagueiro. Sabe por que? Porque tinha cinco zagueiros, tinha Edinho, eu empurrei, a minha ida empurrou o Edinho para a lateral esquerda, então tinha cinco zagueiros. Não tinha necessidade de uma Copa do Mundo ir cinco zagueiros. É melhor ir três atacantes do que dois atacantes, do que cinco zagueiros. Então um zagueiro ia ser cortado, com certeza. E aí eu entro para o jogo. Pá, pá, pau daqui, pau de lá, acho que nem peguei na bola, peguei pouco, não me lembro muito bem. Eu só sei, na minha autoanálise, não bateu com o que o jornal falou. Disse que a minha estreia foi fantástica. Eu entrei e achei tão comum aquilo, não entrei apavorado, com medo, nada, achei tão comum e tão gostoso jogar na seleção brasileira, sabe por que? Porque você joga no melhor time do mundo. E uma, você joga com os melhores jogadores do mundo do seu lado, ninguém erra. Você mete rosca para cá, os caras metem rosca para lá, e é uma beleza jogar no [babyboom]*. Eu sempre falei que é o seguinte, se



eu jogasse no meio de ruim, eu fico pior, eu fico pior, se eu jogar no meio de ruim, não me destaco no meio de ruim, mas no meio de bom eu me destacava. Eu fico melhor do que eles. É assim que eu fazia. Quando eu jogava com... até agora depois de velho. Os caras jogam, cara bom do meu lado, “você sabe jogar, hem”, eles não lembram, as vezes eu nem falo meu nome. Até curioso, eu já joguei bola no Rio de Janeiro e o cara lá do Rio de Janeiro mandou eu treinar no Flamengo, e eu jogava no Palmeiras. Olha só as coisas. Curiosidade do futebol. Nessa época da seleção foi o que eu fiz, eu dei uma pressãozinho e consegui jogar esse jogo. Aí, jogou contra o... já fiquei puto também, porque jogou contra o Atlético de Madrid, do Luiz Pereira, que jogava lá, o Brasil meteu 3x0 e eu no banco, não entrei outra vez. E aquele já era o último jogo da excursão. Aí nós voltamos. E aí teve uma outra convocação. E aí não saiu nenhum zagueiro, sabe por quê? Porque o Nunes machucou. O Nunes foi [bobo]*, porque o Gil machucou igualzinho o Nunes, o Gil ponta direita do Botafogo, e o médico era do Botafogo, Lídio Toledo. Então o que fez? Engessou o pé do Nunes e do Gil não. Igualzinha a contusão. Os dois foram chutar a bola, a ponta do pé pegou mais no chão e deu um entorse bem na junta do pé, os dois igualzinho. O Nunes engessaram, e o Gil não. Aí o Nunes estava engessado quando houve o corte, porque o Roberto Dinamite vinha, ia ficar o Nunes. O Nunes foi o cara que mais fez gol nesses jogos, foi titular, fez gol pra caramba e foi cortado. Foi cortado porque ele deixou engessar o pé. Falei para ele. Eu tinha um problema quando fui para a seleção que era uma tendinite no tendão de Aquiles, uma inflamação o ano inteiro me deixou ruim isso aí, mas eu jogava assim na Ponte, e fui para a seleção assim. Fui inventar de falar que eu estava com uma tendinite, “você tem que parar uns dois...” Eu falei: Não, acabou, sarou, sarou, sarou... E olha, doía, essa tendinite era duro. Eu jogava assim na Ponte, não vou jogar assim na seleção! Se eu jogo na Ponte... Então, de jeito nenhum, eu fui inventar de falar já queria que eu parasse dois dias de treinar, falei: “de jeito nenhum”, nem um dia eu posso parar aqui. Aí você dá chance. E o Nunes deu chance. Aí veio o Roberto Dinamite que já era um convocado na época, e além de ser bom pra caramba, então ficou ele e o Reinaldo, do Atlético. Essa foi a nossa história lá. E a minha reconvocação foi... Aí eu joguei mais uma partida, essa joguei de titular contra a seleção gaúcha. Nós fomos para o sul, de lá fomos para a Argentina, ficamos lá, acho que em Mendonza, que foi o primeiro jogo, ou Rosário.



B.H. - Então nessa sequencia vocês vão jogar contra a seleção gaúcha, já a caminho de Mendonza.

J.P. - E o jogo se não me engano foi 2x2. Foi dois gols do Nelinho, o Nelinho fez dois gols daquelas faltas que o Nelinho batia, nossa, a bola fazia uma curva que ela ia numa trave e entrava na outra. [risos] É impressionante o chute desse Nelinho aí, até hoje eu nunca vi um cara bater. Marcelinho Carioca que tentou, mais ou menos, próximo aí.

B.H. - Mais colocada.

J.P. - Não, no mesmo impacto. Só que o dele era mais forte, do Nelinho é mais forte. Mas do Marcelinho Carioca também era forte e fazia aquelas curvas também igual do Nelinho. Mas a do Nelinho era muita curva. Esse cara fez um gol contra a Itália, - o Brasil ganhou a terceira colocação, no gol do Nelinho contra a Itália - aqui da direita. Mas rapaz, a bola fez uma curva, que parecia que ela ia lá na direção do escanteio, sabe. E o goleiro ainda pulou reto assim, a bola fez a curva lá, e deu na trave e entrou. Nunca vi um negócio daquele, um chute daquele, parece que... O cara vai andando com ela, fazendo a curva na [inaudível] tira do goleiro e põe dentro do gol. A gente fazia uns treinamentos lá que ia o Zé Sergio, o Edinho no gol, tal, e ficava batendo Rivellino, - eu sempre no meio -, os mais experientes, o Rivellino, o Nelinho, e eu ficava batendo lá. Aí vem o Rivellino, o Rivellino só batia de uma forma, uma curva, assim, mas só no ângulo. Ela encaixa ali. Aí o Nelinho vinha: "Polozzi, escolhe o ângulo". "Esquerda", tum. "Direita", tum, com as duas pernas. Não é brincadeira. O cara punha a bola onde queria, esses dois jogadores, onde queria. E a gente ficava treinando. E eu ficava junto, e eu ficava batendo também. Eu, na verdade, eu aprendi muito também com essa gente, porque eu sempre fui um cara meio curioso nesse assunto, "porque o cara está lá e eu não estou?" E eu sou curioso ainda, agora, "pô, esses caras estão tudo me passando, como esses caras conseguiram chegar e eu não consegui chegar?" Eu vejo que meu trabalho é um bom trabalho, eu sou criativo também, eu crio situações, eu crio um esquema... é em cima do esquema conhecido, eu crio coisas diferentes em cima do esquema conhecido. Por isso que eu tenho feito até boas campanhas como treinador, mas os caras não enxergam por esse lado. Enxergam mais pelo outro lado, hoje mais o lado financeiro, por exemplo. Se eu arrumar um



patrocinador, eu consigo, senão, aí... Essa seleção que saiu invicta, não perdeu uma partida, era para ter sido campeã, ela só não foi campeã porque houve aquela armação, não sei se já comentaram, tal. Aquele jogo entre o Peru e a Argentina, que houve aquele... seis gols, o Peru era um bom time, cara, o Brasil ganhou de 3x1 do Peru, mas ganhou apertado, duro, duro o jogo.

*o mais próximo do que foi possível ouvir.

(FINAL DO ARQUIVO I)

(INÍCIO DO ARQUIVO II)

Fundação Getúlio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)

Projeto: Futebol, Memória e Patrimônio: Projeto de constituição de um acervo de entrevistas em História Oral.

Entrevistado: José Fernando Polozzi

Local: Vinhedo - São Paulo - Brasil

Entrevistadores: Bernardo Buarque de Hollanda, Bruna Gottardo

Transcrição: Liris Ramos de Souza

Data da transcrição: 01-12-2012

José Polozzi - Um atacante lá, um tal de [Munãnte]*, que velocidade! Esse cara chegou duas vezes na cara do goleiro da Argentina, acho que era Fillol, duas vezes, sozinho, ele e o goleiro, ele perdeu os dois. Ele chutou fora os dois gols. Não sei se foi proposital, não creio que tenha sido proposital. Depois a Argentina vai pá pá pá, a Argentina tinha que ganhar de 5x0 para ter a vantagem de um gol. Ela ganhou de seis. Aí veio as más línguas, por que... Toda decisão que se perde um time, se arruma uma situação. Naquele jogo do Corinthians de 77, arrumaram a situação que o Rui Rei tinha vendido o jogo. Eu não vi isso, eu não vi isso, não acredito nisso. Porque eu entendo a situação, como ele vai comprar um jogador



do outro time e depois vai trazer aquele jogador para o time dele, que ele pode vender para outro time, o time dele. Então, veja bem, um presidente não vai trazer um jogador que ele... Ele deu dinheiro para o cara, o cara se entregou no jogo, foi expulso porque ele ganhou bastante dinheiro, agora vou trazer esse cara para jogar no meu time? “Espera aí, vai me vender também.” E depois ele foi para o Corinthians! Jamais, jamais. Eu acho que não existe dinheiro que compra uma decisão daquele tipo lá, nenhuma decisão. É diferente de você estar, por exemplo, o seu time não tem chance nenhuma, e esse tem chance, aí esse dá dinheiro para o seu, você vende, esse tem chance, aquele outro que vai jogar com aquele outro tem chance, esse compra esse, ganha, quer dizer, não é uma decisão direta, o cara fica campeão porque ganhou de um time que está inferior, mas somou mais ponto, foi campeão. Essa não, essa é uma coisa direta, um com o outro. Não existe dinheiro que compra o prazer de um título, não existe milhões, não existe.

Bernardo Hollanda - Até porque isso passa por um conjunto de pessoas...

J.P. - Lógico. Uma, todo mundo vendo, todo mundo sabendo, todo mundo vendo o que vai acontecer. Você acha que o cara vai se entregar? O que eu acho que aconteceu, que eu vou dizer, é o que eu observei nos três jogos. Por exemplo, nós reclamamos muito no segundo jogo, que era o Romualdo que apitou, que o Braguinha fez o primeiro gol, depois nós viramos para 2x1, do impedimento. O bandeirinha não me lembro quem era. Nós reclamamos muito. Mas realmente não estava impedido. Depois nós fomos ver que não estava impedido, mas nós fomos reclamar. Demos uma pressão no Romualdo, que o Romualdo até chorou, estava chorando lá: “não tive culpa...” Porque o time, vum em cima dele. Por causa daquele gol que estava legítimo, nós fizemos pressão, imagine só se não tivesse. E aí pela sorte nós conseguimos virar para 2x1.

B.H. - Jogo contra...?

J.P. - Foi o segundo jogo contra o Corinthians, nessa decisão. Mas só que ele deu um cartão amarelo para o Dirlei, e ele tirou uma força da Ponte Preta. Foi aí que o Corinthians ganhou o título, na tirada do Dirlei. Porque o Dirlei era dois jogadores, ele era dois, ele era o lateral direita e era ponte esquerda, jogava com dois pontas esquerda, ele e o Tuta. E era dois em cima do Zé Maria o tempo

todo. O que aconteceu? Deram um cartão amarelo para o Dirlei que estava com dois, e eu também estava com dois, eu joguei o campeonato inteiro com dois cartões amarelo, tomei dois no começo depois não tomei mais, joguei todas as partidas. Tomei dois amarelos e joguei o resto do campeonato com dois amarelos e não tomei amarelo, nem nos jogos decisivos. E o Dirlei tomou um amarelo, mas bestamente, rapaz. A bola saiu na lateral, ele pegou deu um biquinho, a bola rodou isso aqui, isso aqui. O Romualdo foi e deu amarelo para ele, ficou fora do jogo. Foi aí que o Corinthians ganhou o campeonato. Então, o que nós vamos fazer para ganhar da Ponte? Não ganhamos nenhuma até agora. Cinco! Tinha perdido as quatro, não ganhamos nenhuma, como vai ganhar da Ponte? Então eles usaram algumas estratégias para ganhar. Nisso eu acredito, que eles usaram essas estratégias que não percebe. Mas tirou a Ponte, jogou o Ângelo que era o lateral esquerdo, reserva do Dirlei, que não era lá um apoiador, era mais um marcador. Mas o Dirlei era dois, com a saída do Rui Rei, e o Dirlei estando aqui, a gente ia ficar onze contra onze. O Dirlei era dois, era o jogo inteiro, os dois em cima do Zé Maria. E ia mesmo. E o Jair Picerni com o Lucio eram os dois daquele lado que apoiavam para caramba. Aí você está sem o Dirlei, e ainda você perde o Rui Rei, lá na frente, com 18 minutos, 17, 19, não sei, antes dos 20 minutos. A base para jogar contra o Corinthians naquela época era assim: nós vamos ter que aguentar o Corinthians de 20 a 25 minutos, depois disso a gente ganha o jogo. Se você não tomar gol do Corinthians nesse momento, você ganha o jogo. Todo jogo era assim. A pressão, o Corinthians vinha com uma pressão danada, lá e aqui. E a defesa da Ponte era sólida, era forte. E aí a gente aguentava o Corinthians, depois... O jogo que nós ganhamos de 4x0 tem uma curiosidade contada pelo Romeu. O Romeu estava no banco do Corinthians nesse jogo. E o treinador do Corinthians, que era acho que Duque, não, não na reta final, no começo, nós ganhamos de 4x0 não era o Brandão, o Brandão veio depois, no meio do campeonato. Acho que era Duque, e o Duque fumava bastante, fumava, fumava e jogava o cigarro dentro da área. Cada cigarro que ele jogou dentro da área a Ponte fez um gol. Jogou quatro cigarros. No quinto cigarro, ele fumou e jogou dentro da área, no primeiro tempo a área é da Ponte, no segundo tempo a área era do Corinthians. No quinto cigarro, o Romeu levantou do banco, foi lá e pegou o cigarro: "Não, senão vamos tomar mais um.". Interessante que o Romeu contou isso na seleção, porque o Romeu também estava nos jogos amistosos que nós fomos, depois Romeu também foi cortado. O Romeu não chegou a ir para a Copa do Mundo. E o Romeu contando a história desse jogo de quatro. Nós ganhamos de quatro, de três, 2x1, e 2x1.



Como vai ganhar da Ponte mais três jogos! Então, para mim eles armaram um jeitinho. Não creio que a expulsão do Rui Rei... Porque para expulsar o Rui Rei era muito fácil, muito fácil. O Rui Rei falava muito com os braços, parecia que ele estava xingando, não. Ele estava simplesmente falando “que eu que sofri a falta, eu sofro a falta e você vai me dar cartão amarelo, eu que sofri!”, e ele sofreu mesmo. Porque a sequencia do lance foi assim: saiu uma falta aqui, caiu vantagem ali, matou a vantagem, só que não viu. Ademir Gonçalves estava de frente para o árbitro, Dulcílio, viu, que deu a falta, aí o Rui Rei foi em cima dele porque não ouviu, e deu continuidade no lance. Ele tomou cartão amarelo por causa da continuidade, porque não parou. Naquela época, se você jogasse a bola ali, ou se você não parasse na jogada, ficava na frente, tal, era amarelo, o juiz dava. Ele não parou o lance, foi em cima do Ademir Gonçalves, o Ademir Gonçalves foi e deu-lhe uma porrada, chegou pesado nele para tomar a bola para bater a falta lá. Aí o Dulcílio já veio amarelo: “Amarelo...” Pum, vermelho. Era assim. Então era fácil dar vermelho para o Rui Rei, é só criar uma situação, ele tomava um vermelho. Então essa situação foi criada para ele tomar vermelho, e isso eu vi. Eu saí lá de trás, fui lá de encontro com o Dulcílio, que ele estava voltando já com o Rui Rei, já tinha saído, eu falei assim: “oh, porque você deu cartão amarelo para o Rui Rei, porque eu não vi nada!” Você vê, eu não tinha prestado atenção dessa sequencia, que ele tinha levado a bola. “É porque ele me mandou para aquele lugar.” Eu falei assim: “mas você manda todo mundo para aquele lugar também. E ninguém dá amarelo para você.” “Sai daqui.” Eu saí. Aí quando nós tomamos o gol, eu que estava dentro do gol, eu que tentei pegar com a mão, eu estava no lance, porque a falta saiu aqui do meu lado, bateu essa falta aqui pra cá, passou todo mundo. Não, primeiro a falta saiu na lateral, a barreira aqui, quase em cima da área. Aí o Ângelo subiu de cabeça e tum, segurou com a mão, tinha que deixar a bola passar, não tinha nem que subir de cabeça. Mas bateu, os caras querem empurrar, hoje os caras jogam por baixo. Se pular, eles não pulam mais porque os caras já descobriram, jogam a bola por baixo. Ronaldinho já fez gol assim. Então ele pulou e enroscou a mão aqui, ele segurou minha mão. A falta de lá da lateral veio parar aqui no bico da área. Aí bateu outra falta. Bateu, passou todo mundo, o Jair Picerni demorou um pouquinho no lance, porque ele já tinha que dar um balão para lá ou para a linha de fundo, ele demorou, ele protegeu para o Carlos pegar a bola, o Vaguinho por detrás deu um bico. Ela deu na trave, no travessão e voltou mais ou menos na marca de pênalti, porque ele deu um bico meio na diagonal, pegou assim e voltou ali. O Vlademir na cabeça, deu uma cabeçada,

deu na cara do Oscar que já estava dentro do gol, e nessa altura eu também já estava dentro do gol. No que bateu no Oscar, ela voltou, quicou aqui assim, na [sem pulo]* para o Basílio. Aí já estava eu, o Oscar, [?], [risos] estava o time inteiro na linha de jogo, e na hora que ele chutou, eu fui para pegar com a mão mesmo, fui para espalmar a bola, não consegui. Aí eu peguei a bola lá de trás, o Corinthians vibrando, todo mundo vibrando, eu fui lá do lado do Dulcílio, dei a bola para ele, falei: “toma, sai vibrando aí, agora você já deu o título para o seu time mesmo.” Na ironia, não é. Na verdade eu só falo com raiva na ironia, quando ele está errando. Depois vou contar uma historinha, o que o árbitro fez, o que um fez, o que o outro fez, na mesma coisa que eu falei para os dois, só que eu usei a ironia para um e para o outro não. Eu usei com ele também. “Sai vibrando aí,...” “Sai daqui, sai daqui senão você vai ser expulso também.” “Ah, você não tem peito para expulsar mais um não.” Ele me deu amarelo. Eu levei o terceiro amarelo na última partida. E aí vai até o finalzinho do jogo, o Oscar acabou sendo expulso, ele e Geraldão também, nesse jogo aí. Quando acabou o jogo, aí que vem a história. eu olhei assim, ele em vez dele sair pelo lado do túnel, acho que ele estava meio perdido, já invadiu aquele monte de torcedor do Corinthians, e eu vi que ele foi para o outro lado, estava um monte de policial do lado dele. Eu parei mais ou menos a uns cinco metros, porque ele é maluco, era da polícia. Ele é briguento. Eu não ia brigar, eu só fui lá fazer uma sátira com ele. Aí eu olhei para ele e falei: “tá contente agora, não é, sai vibrando junto com a torcida aí, você já deu o título para seu time mesmo.” E ele veio aproximando, e eu fiquei quieto, botei a mão para trás assim, porque aquele negócio, o cara está assim fazendo para o juiz e xingando ele, e a televisão mostrando... “Oh, o cara expulsou, o cara está...” Então os jogadores mais experientes do passado que falavam isso com a gente, botam a mão para trás assim e fica xingando o juiz. O cara não pode fazer nada, porque ele está aqui, está respeitando o árbitro. “Oh, o cara está respeitando” quem está lá em cima. [risos]. Orlando Duarte, da TV Cultura, tem um programa na Cultura. Lá de cima ele viu. Olha o que o Dulcílio fez, ele veio na minha direção, já cheio de policial do meu lado também, eu quieto, eu não percebi, não sabia que ele ia me agredir. Ele foi enfiou o pé, e o pé dele pegou de raspão. Ele enfiou assim, ele não chutou assim, ele enfiou o pé assim como se fosse dar um coice, de frente, pegou de raspão na minha perna por dentro, aí eu caí. Caí, falei: “agora esse cara está roubado.” Mas o que eu imaginei? Que a câmera, toda vez que acaba um jogo, a câmera não fica acompanhando o juiz assim? Eu imaginava isso, que a câmara estava em cima do árbitro quando eu fui fazer aquilo lá. Não fui fazer



com intenção de pegar ele não, mas eu imaginava que câmara estivesse em cima dele quando ele me deu... rolei, tal, fiquei lá, saí até de maca do campo. Mas a televisão já estava lá na torcida, a torcida estava delirando. Aí tinha torcedor só do Corinthians e eu ainda com a camisa da Ponte no meio de todo mundo, caído no chão lá. E o Orlando Duarte, lá de cima do Morumbi ele flagrou tudo. No outro dia no programa dele, ele falou: “não, aquilo não é coisa que se faça, o juiz tem que ser punido, a Ponte tem que processar.” E o que a Ponte fez, foi processar o Dulcílio em meu nome, nem fiquei sabendo. Aí já logo em seguida acabou o campeonato, já começou o Brasileiro. Aí nós fomos jogar, coincidente, na mesma chave do que o Corinthians, nos mesmos lugares que o Corinthians jogava, a gente jogava. Jogava aqui, depois invertia. O presidente da Ponte chegou para mim e disse: “olha, você foi julgado ontem a noite, você e o Dulcílio.” Eu falei: “Fui julgado de que? Não fiz nada.” “Não, ele te acusou de tentativa de agressão contra o árbitro. Só que a sua testemunha principal foi esse rapaz aí, o Orlando Duarte.” Ele foi minha testemunha principal e ainda eu tive dois votos de punição e ele teve sete ou cinco, uma coisa assim. Só sei que ele perdeu a Copa do Mundo, ele era juiz da Fifa e ele ia apitar a Copa do Mundo de 78. Bom, vamos lá para a Copa do Mundo. Chegamos lá no primeiro jogo, no primeiro jogo eu fiquei no banco, foi o único jogo que eu fiquei no banco. O Brasil ganhou de 1x0.

B.H. - 78? Contra a Suécia. Foi estreia de 1x1, e que o juiz encerra o jogo com a bola...

J.P. - É, que a bola entrou. Esse jogo aí eu fiquei no banco. Foi o único jogo que eu fiquei no banco, o resto não fiquei. Mas também, sete jogos. E aí no segundo jogo, acho que era contra a Suécia, Espanha, a chave do Brasil era... Áustria, terceiro jogo. Mas isso que você falou, na excursão, eu joguei, era fácil porque eu jogava na melhor equipe do mundo. Vocês tinham essa sensação na Copa de 78, de que eram os melhores?

J.P. - É. Brasileiro sempre teve essa sensação, por isso que às vezes atrapalha. Você pode perceber que o Brasil às vezes perde de time bem inferior. Por exemplo, perde do México, sabe por quê? Porque os jogadores hoje, jogadores que estão na Europa, jogadores brasileiros, eles sentem a força do adversário, e quando ele sente que o adversário não é tão forte, ele joga meio assim. A gente também era assim. Até na Ponte eu era assim. Depois que eu vim para seleção



brasileira, eu jogador de seleção brasileira, então aquele que eu ia enfrentar, para mim eu era melhor que ele. Mas o Oscar me disse uma coisa: “olha, não começa a jogar só com o nome não. Jogar só com nome! Entra em campo com o nome no colo, não jogue só com nome, não.” Aí eu falei, “é realmente, não posso jogar só com o nome.” Porque eu percebia que os caras não vinham tanto em cima da gente. Porque ele via lá um cara de seleção brasileira, “não vou passar nunca.” Então tinha esse negócio. E o jogador percebe quando o outro está sentindo. Quando ele percebe que sente, aí que ele vai em cima mesmo. Por isso que o Neymar vai em cima de todo mundo, ele percebe que todo mundo sente. Por isso que lá na Europa ele não consegue muita coisa não. Contra o Barcelona ele não conseguiu muita coisa não. Sabe por quê? Porque lá ele percebe que os caras são forte, são fere para marcar, que os caras são do mesmo nível de inteligência dele. Fica diferente.

B.H. - Mas então vocês chegaram, teve essa partida contra a Suécia...

J.P. - Então, no segundo jogo, aí eu entrei para assistir o jogo, porque a gente não estava no banco...

B.H. - Aí é contra a Espanha, o 0x0.

J.P. - Isso. Aí eu entrei na numerada ali, bem no meio do campo, aí eu estou vendo um cara me chamando, mas era meio cedo ainda, faltava acho que mais de meia hora para começar o jogo, bem mais de meia hora. Aí eu estou vendo um cara me chamar lá do outro lado, que cara é? Só sei que era um cabeludo, uma bolsa a tiracolo, grandão, mas quem será que é? “Oh, Polozzii...” Até aqui na Argentina me conheceram? Aí vou chegando perto, nossa, é o Dulcídio. Puta, e agora? Eu não vou pipocar, fui indo. Quando cheguei no alambrado do lado de cá, ele me cumprimentou, tal, “mas aquilo que passou, vamos esquecer, eu sei que você não teve...” eu falei: “não tive culpa mesmo, não fui eu que te processei.” Ele falou: “eu sei que foi a Ponte que me processou no teu nome, tal, e que você nem sabia.” Ele já estava sabendo disso aí também. Eu falei: “para mim, Dulcídio, o que passou, passou também, aquilo lá aconteceu naquele jogo.” Eu só sei que ele nunca mais apitou jogo da Ponte depois disso aí. Só que eu fui para o Palmeiras e ele apitou vários jogos do Palmeiras, e ele tinha um respeito por mim muito grande, muito grande. E ele chegou a me expulsar, ele já me expulsou,



mas porque eu mereci. Mas olha o que ele fez quando ele me expulsou, ele me pegou no meio de campo onde eu fui expulso, ele foi acompanhando, andando, andando comigo, eu bravo porque o Palmeiras estava numa fase ruim, nós levamos acho que de cinco do Santos nesse jogo, e eu saindo, ele me levou até o túnel do Pacaembu. Nenhum árbitro fez isso até hoje. Aí a televisão mostrou, “mas o que o Dulcílio está...” “Dulcílio está com receio que Polozzi vai voltar naquele assunto.” Não, nunca mais esse rapaz fez nada, e ele apitava direitinho, tal, e eu reclamava quando achava que o lance... “Calma, Polozzi”, nunca mais ele fez nada. Só por causa desse episódio aí.

B.H. - Ele estava lá nesse jogo contra a Espanha?

J.P. - Ele estava nesse jogo. Ele foi assistir a Copa do Mundo, ele ia como árbitro, acabou indo como torcedor.

B.H. - Vocês foram para Mendonça, os jogos da primeira fase foram em Mar del Plata.

J.P. - Mar del Plata foi na primeira fase? Foi. Depois fomos para Mendonça...

B.H. - Mas a primeira fase Suécia, Espanha e Áustria, Mar del Plata.

J.P. - Então foi em Mar del Plata que ele estava. Aí quando nós classificamos, nós classificamos em segundo lugar, porque nós fizemos quatro pontos, quase perde a classificação naquele lance do Amaral, que o Amaral salvou aquela bola dentro do gol. Que o cara tinha o gol inteiro para fazer, chutou em cima do Amaral, não sei, acho que ele não viu o Amaral.

B.H. - E classificou-se porque na época a vitória valia dois pontos.

J.P. - Dois pontos. Empate um, então foram quatro pontos e o Brasil classificou, e foi a Espanha que classificou outra?

B.H. - E você ficava com os que não estavam no banco ou vocês assistiam...

J.P. - Assistia. Brasil e Argentina sabe da onde nós assistimos o jogo? Da boca do

túnel. Túnel aqui, tem aquela muretinha assim, nós sentamos ali, nós assistimos o jogo de dentro do campo, atrás do bandeirinha, ao lado do bandeirinha. Ainda não tinha muita organização naquela época. Porque aquele tunel ali, daquele lado ali, o bandeirinha corria um tanto assim do túnel, o jogador se desse um carrinho, caia dentro do túnel.

B.H. - Agora, antes da Argentina tem o jogo contra o Peru, já em Mendonça. Ganhou, vitória de 3x0.

J.P. - Nós ganhamos da... Qual era o outro time? Polônia. Nós ganhamos da Polônia, acho que de 2x0, não foi?

B.H. - 3x1.

J.P. - 3x1 da Polônia, e 3x1 do Peru.

B.H. - 3x0.

J.P. - 3x0. Então, 3x1, 3x0, nós fizemos cinco gols de saldo. Mas a Argentina ganhou de 2x0 de um, e 2x1 de outro, acho que foi 3 ou 2, uma coisa assim. Só sei que nós tínhamos quatro gols de saldo de vantagem numa Copa do Mundo. Isso aí é uma classificação garantida numa Copa do Mundo. Não há goelada em Copa do Mundo. Foram raras as goleadas em Copa do Mundo. O Brasil meteu uma goleada lá na Suécia, em 58, acho que foi numa decisão, o Brasil meteu uma goleada na Itália de 4x1 numa decisão. Mas é o Brasil, mas é difícil ter uma goelada. E a Argentina foi e colocou uma goleada no Peru.

B.H. - E esse jogo contra a Argentina, em Mendonça, o fato da Argentina ser o país sede, tem também todo o contexto político da época... O João Havelange já era o presidente da Fifa, eles escolhem Argentina e em 76 tem o golpe militar dos jogos [inaudível], mas por prudência o João Havelange mantém...

J.P. - E a Argentina precisava ganhar essa Copa por causa desse golpe político aí. Tanto é que as nossas... Não sei como era dos outros times, mas na nossa concentração, teve um dia lá, não sei se foi na primeira fase ou na segunda fase, agora não me lembro, mas eu me lembro disso, que nós ouvimos um tiro, uma rajada na verdade. Aí eu já acordei, o Oscar também, estava eu e o Oscar no quarto, aí nós escutamos assim, o Coutinho: "capitão, que passa?"



O Coutinho, estava uma ou duas janelas para lá. Aí o Oscar vai e vum, abre a janela. Eu: “vai, abre, vai abrir a janela para você ver.” Aí o capitão disse que se enganaram, que era um cachorro. Foi o que ele falou: “é um animal.” Então foi uma coisa assim de diferente que aconteceu. Depois nada. Eu só sei o seguinte, que quando a Argentina foi campeã, em vez do torcedor argentino ir festejar lá com a Argentina, aqueles que moravam no hotel, tanto é que nós nem pudemos ir nas entregas de medalha depois, não sei se era um jantar que ia ter, depois ia entregar as medalhas, porque o Brasil foi terceiro lugar.

B.H. - Vence a Itália de 2x1.

J.P. - É, ganha da Itália de 2x1. E aí o jogo da Argentina foi mais tarde. Na verdade a Argentina jogava num horário mais tarde. Contra o Peru ela jogou às cinco horas da tarde e nós jogamos as três. Então acabou o nosso jogo, eles já sabiam; tem que ser no mesmo horário. Até isso já facilitava a Argentina. Então a Argentina jogou sabendo de quanto ela precisava ganhar. Porque se joga no mesmo instante, é difícil. Nós criamos os quatro gols de vantagem depois que nós jogamos antes, mas, a gente tinha dois gols de vantagem. Aí o Brasil ganhando, ganhando da Polônia já estava confirmando, e não sabiam quanto eles iam ter que colocar, “vamos ter que fazer mais três, quatro gols...” Não é assim também no futebol. Mas já entrar em campo sabendo que precisava fazer cinco gols é duro também. O cara tem que entrar já sabendo mesmo, porque... Sabendo não que tem que fazer, que já estava ajustada as coisas, porque mesmo ajustada é difícil fazer esse gol, pô, Copa do Mundo, não é fácil não.

B.H. - E a partida especificamente contra a Argentina, você lembra, o fato da torcida ser argentina, estádio em casa, a rivalidade?

J.P. - Mas o Brasil não sentiu nada disso. Nós tivemos o Chicão nesse jogo, o Chicãozão, o volante, ah, esse dava, esse batia, não é batia, chegava pesado. Ele se impunha. Chicãozão tomou conta do meio de campo ali, e o Brasil... Eu me lembro desse gol que o Roberto Dinamite, não é que perdeu, o goleiro que pegou. O Roberto Dinamite fez a coisa certinha. Ele chegou por cima do goleiro e deu um tapinha por cima, que nem o gol do Luiz Fabiano ontem, mas o cara caiu no chão com o braço levantado, a bola deu bem no meio do braço dele e voltou para o meio da área para ninguém. A Argentina também perdeu um



gol que nós tiramos no grito. O ponta esquerda da Argentina, não me lembro quem era, rapidinho também, ele chegou na cara do Leão e tirou do Leão, só assim, e nós assistindo. O gol é aqui, então ela passou do lado de lá. Já pensou... “nãaa”, nós tiramos no grito, o cara chegou sozinho, só tirou do Leão, tirou um tantinho assim da trave, nem bateu na trave, o cara bateu para fora. Foi o que eu me lembro do lance perigosíssimo da Argentina. Mesmo porque a gente estava atacando do lado do túnel que a gente estava. Então já dava para a gente ver os lances maior de ataque. E o Brasil perdeu com uns três gols, mais ou menos, desse tipo aí. Mas o Brasil jogou muito bem. O Brasil não foi muito bem na primeira fase. Houve aquele gol que depois nós assistimos até o tape no cinema, e bem na hora do lance, passou em slow motion no cinema, e aí o Zico cabeceia, a bola bate na rede, está voltando da rede, saiu do gol, aí o apito. Aí você vai ouvindo o apito em slow motion também. Só que o árbitro não estava olhando, ele estava olhando aqui no relógio. É. Deu 45, ele apitou, no que ele apitou a bola estava voltando do gol. E ainda que o Nelinho demorou, o Nelinho botou a bola aqui, o bandeirinha... estava em cima do lance, quase 45, Nelinho pôs aqui, o bandeirinha encheu o saco, pôs mais para lá, mais para cá, bateu, o Zico fez o gol e aí... Só que na hora lá, não dá para a gente perceber, ele acabou, mas pode ter acabado antes do Zico tocar na bola, e aí vale. Porque o árbitro, ele só não pode acabar um jogo no pênalti, no resto, qualquer falta, ele pode acabar o jogo com a bola em movimento, indo para o gol. Está quase dentro do gol se ela entrar, não vale. Então foi o que ele fez. Só que na hora, depois que nós fomos ver no slow motion... Depois o Brasil apresenta a defesa, o árbitro é isolado, não apitou mais a Copa do Mundo por causa desse erro dele. E prejudicou o Brasil? Prejudicou o Brasil, muito. Porque o Brasil com essa a vitória, ele era em primeiro lugar, ele já escapava da Argentina, ele pegava a Holanda naquela fase. Porque a Holanda passou e a Argentina passou em cima da gente, a Holanda passou em cima da Itália.

B.H. - Era um momento que ainda tinha...

J.P. - Quem ficou primeira na...? Argentina ficou em primeiro, e quem ficou em segundo? Aí que está, não estou lembrado.

B.H. - A Holanda foi vice-campeã, vinha daquela encantadora laranja mecânica, mas já vinha sem o Cruyff, Cruyff se recusa a jogar justamente por conta do



contexto.

J.P. - É verdade, se viesse o cara era outra coisa. Se viesse ele era outra situação. Acho que ele não perde a Copa do Mundo não.

B.H. - Num dos depoimentos com os jogadores que participaram da Copa, alguns lembram de uma cena interessante, que uma das estratégias do Claudio Coutinho para destencionar o time nesse jogo contra a Argentina foi colocar a equipe em campo meia hora antes do jogo começar. Ou seja, entrar em campo, ouvir a vaia, se acostumar...

J.P. - É verdade. O Coutinho fez uma coisa que hoje se faz, você vê, ele fez em 1978, ele botou o Jorge Mendonça para aquecer mais de 20 minutos, bem mais. Mas olha só a ideia, ele põe para aquecer, para o cara aquecer bastante, bastante, mas a intenção... Aqui no Brasil é o seguinte, o cara levanta do banco e já vai entrando. Hoje não é mais assim. Hoje, você manda o time inteiro lá, que fica sete no banco, você manda o time inteiro lá atrás e fica aquecendo o segundo tempo inteirinho. Às vezes o cara aquece o segundo tempo inteirinho e não entra. E ele já aquece também no primeiro tempo, antes de começar o jogo, aquece junto com os que vão jogar, porque alguém pode se machucar em pouco tempo e o cara já está pronto, já está pré-aquecido. Então qual a ideia do Coutinho, que a imprensa até gozou ele, "deixou o cara 40 minutos aquecendo". A ideia dele era colocar o cara na mesma condição de quem estava jogando, na parte do aquecimento do músculo do cara, do raciocínio e tudo. Ele já tinha umas ideias diferentes dos outros. Essa criação desse overlapping, quando ele explicou também, uma coisa interessante, cara. Esse overlapping que hoje se faz muito. Mas eu acho que até já se fazia, eu acho, mas o nome, ele colocou o nome. Houve mudanças no futebol do Brasil. O primeiro cara que mudou o futebol no Brasil foi o Telê Santana, ele mudou com as tiradas dos pontas, ele meteu os dois pontas por dentro, que hoje é um meia direita outro meia esquerda. Ele trouxe dois volantes e ele adiantou um meia e fez dois atacantes. Então ele fez esse posicionamento. Ele começou em 1979 no Palmeiras, na época que eu cheguei no Palmeiras, ele começou. Você precisa ver que esse esquema, ele era tão forte no Paulista, que os outros não sabiam como marcar. Lateral esquerdo, por exemplo, quem o lateral esquerdo vai marcar? E tem dois caras enfiado, um em cima de cada zagueiro, tem dois atacantes enfiado, fica no mano a mano os dois atacantes. E o lateral esquerdo,



cadê meu ponta? Não sabe onde está. Aí ele tem um volante com dois meias. Antigamente era 4-3-3. Até os caras se acertarem na marcação, arrumar um posicionamento na marcação, o Palmeiras ganhou nove partidas em seguida no campeonato Paulista. No campeonato Paulista de 79, o Palmeiras era para ser o campeão. É que houve aquela paralização que o Corinthians melou o campeonato, foi para o outro ano, nós fomos decidir só em 80, ele não só atrapalhou nessa competição, como ele atrapalhou até no Brasileiro, com essa parada. O Palmeiras ia ganhar o Paulista e ia ganhar o Brasileiro também. Aí melou o Paulista, parou, não jogou aquela reta final do Paulista, e aí esperou um pouquinho, esperou um tempo maior, começou o Brasileiro. O Palmeiras também foi bem, meteu quatro no Flamengo, o Palmeiras se classificou bem para o quadrangular, aí nós perdemos para o Internacional, de 3x2, um jogo em casa e perdemos lá, lá empatamos 1x1. Falcão fez dois gols nesse 3x2. E outro foi do Jair. E lá também foi gol do Jair e o gol do Mococa, Mococa nosso volante. O Telê criou dois volantes, dois meias, dois atacantes, muito difícil dos caras marcarem. O brasileiro pega fácil as coisas, aí começaram se acertar de uma forma, e jogar na mesma forma.

B.H. - Isso levou o Telê para a seleção em 80.

J.P. - Isso levou o Telê para a seleção, porque ele fez uma mudança. O futebol estava muito... E agora o futebol está precisando de mudança outra vez. Já tem muito tempo nesse [inaudível]. Aí o 3-5-2 também veio para o Brasil. O primeiro treinador a lançar o 3-5-2 na seleção brasileira foi o Lazaroni. Aquela Copa América, ele ganhou a Copa América com três zagueiros. A Europa jogava em posicionamento de três zagueiros. A Europa jogava com um zagueiro marcando um atacante porque era um zagueiro só. Era um atacante só. Eram dois pontas, um atacante. Então ela jogava um volante pegando o meia, um zagueiro pegando um atacante, onde ele fosse, marcava num, e um líbero, 3-5-2 ele é tido como um líbero. O cara que joga sem marcar ninguém, esses dois marcam, e esse aqui não. Esse é o que vai jogar. O Beckenbauer jogou assim na Alemanha, ele era um líbero na frente dos zagueiro, e sabia jogar barbaridade. E o Brasil teve essa mudança, e a Europa mudou também para 4-4-2. Alguns times jogaram ainda em 3-5-2. As estratégias de mudança houve em 74 com a Holanda, uma coisa diferente, ela houve com Telê Santana, mas não dentro de seleção brasileira, mas em time de futebol. Uma mudança tática num time que deu uma inovada



um pouco no futebol. Em 98 ela teve uma mudança com a França também, que as pessoas não entenderam muito bem, até grandes treinadores aí, e a França ganhou a Copa do Mundo. A França jogou com posicionamento de três zagueiros, só que um zagueiro aqui ia toda hora lá na frente, sai sozinho, e os caras viram... traz o time todo para a esquerda, eles não erram um passe, jogador de seleção é mais difícil errar passe, por isso que ele está lá, eles trabalham a bola aqui assim, o cara sai aqui de trás, eles metem, já domina, já está no bico da área sozinho, aí tem que sair um cara, tabela, e vai para dentro do gol. A França fez isso e ganhou o campeonato, e ganhou de três. Se bem que contra o Brasil ela fez dois gols de cabeça. Isso aí criou um espaço para jogar. Você vai assistir jogo de futebol, você não vê espaço. Sabe quem tem que criar espaço? É o treinador, não é o jogador. O que o Palmeiras estava fazendo? Jogando em função de um jogador só, na bola parada, e até agora. O que o Santos faz? Joga em função do Neymar. O que os treinadores têm feito? Eu vejo uma diferença em alguns treinadores aí, por exemplo, vejo no Tite uma diferença, por quê? Porque com um time limitado ele conseguiu ser campeão brasileiro. Limitado que eu digo, não é grandes craques, Corinthians não tem um grande craque, está começando aparecer. Inclusive hoje um dos melhores jogadores do Corinthians é o Paulinho da seleção brasileira, certo? Porque o Danilo é um bom jogador, útil pra caramba, mas nunca foi um grande craque. Aquele André que joga na meia também, sabe jogar, mas ainda não se firmou como... William, Eliedson, jogava no ataque, e esse fortão aí que joga no ataque também. Ele joga com três atacantes só que tem dois que tem que marcar, não quer nem saber, tem que marcar todo mundo. Ele põe os caras para marcar, e os caras sabem jogar, quer dizer, ganha jogo. Ganhou o campeonato Brasileiro que vai decidir o campeonato mundial aí, e capaz até de ganhar do Chelsea. Porque é um grupo determinado. Por causa do treinador, você vai fazer isso, isso e isso, e tem que fazer. Agora, se você entra em campo para depender de um gol de falta, um gol de escanteio, de um cara só, não pode. O Palmeiras só sai gol, o Barco faz gol é o outro que cruza, o Barco faz gol o outro que cruza. Barco é que está fazendo uma diferencinha ali também, mas a bola só sai do pé do outro lá, então... Eu vejo jogos de futebol, eu fui ver o Santos jogar. Se você não vê a mão do treinador. Esse treinador do Santos, Muricy, ele prioriza muito a marcação, por isso que tem tido sucesso como treinador, ganhou três, quatro campeonatos em seguida, cinco, seis aí, porque o time dele, eu percebi que eu vi o Santos jogar contra o Rival, e vi o Santos jogar com ele, a diferença

de posicionamento, de marcação do time. Até Neymar, às vezes até Neymar vem correr aqui atrás, é, tem que pegar pô. Mas tem treinador, não, acha que o craque não pode correr atrás e ninguém, porque senão ele vai cansar, a hora que pegar a bola no pé, não vai criar. Antigamente era assim: “craque não pode marcar.” Não pode marcar, o que! Tem que marcar todo mundo e tem que atacar todo mundo, não pode depender só de um craque um time de futebol, não é só ele, são 11 jogadores. Neymar já está reclamando por causa disso.

B.H. - Polozzi, ainda sobre a Copa de 78, como foi o momento em que vocês realizaram que estavam desclassificados, cortados, mesmo sem ter perdido uma partida?

J.P. - Pelo que eu vi a expressão do rosto do nosso time, quando nós ganhamos da Polônia, as três horas da tarde, acabou um pouco antes do jogo da... Ganhamos de 3x1, eu já vi a expressão de todo mundo como derrota, inclusive a minha: não vai dar, é muito pouco quatro gols. Olha só, rapaz, porque parece que a gente estava pressentindo. Aí nós fomos para o hotel e ficamos assistindo lá, e nós fomos vendo um gol saindo atrás do outro. É como se a gente já soubesse que aquilo ia acontecer. Porque você ganha um jogo de três, você entra no campo desanimado, no vestiário, assim, meio cabeça baixa, sabe, “não vai dar, muito pouco”. Você ganha de cinco, seis, já entra com um sorriso aqui. Impossível do cara fazer nove gols, mas como tinha quatro só de vantagem, eu percebi, como eu também me senti assim, achei que era pouco. Agora eles podem fazer qualquer jogo, qualquer coisa. Vai jogar em horário diferente.

B.H. - Talvez uma tentativa de contornar essa frustração com a eliminação tenha sido a famosa expressão que o Claudio Coutinho criou, pelo fato do Brasil ter sido invicto, pelo futebol, teria sido o “campeão moral”.

J.P. - É, isso mesmo.

B.H. - Isso era algum...

J.P. - Você sabe que vice-campeão para o brasileiro não serve para nada. Interessante, tem 40 times lá, e o Brasil fica em segundo lugar, não serve nada. Fica em terceiro lugar, não serve para nada, para nós não serve para nada, mas para europeu serve. Segunda colocação, pô, terceira colocação, é uma baita de

uma posição. Para nós não serve. E a gente como jogador também pensava desse jeito, não servia. Bom, aí arrumou tudo lá, nós viemos para cá, chegamos em Campinas, tinha um caminhão de bombeiro esperando os jogadores da Ponte, - o Lauro Moraes que fez isso -, aí nós subimos em cima do caminhão de bombeiro e fomos dar uma volta no centro da cidade. Eu pensava assim: “o que eu estou fazendo aqui? Não fui campeão, não joguei, estou recendo essa homenagens, para quê? Porque eu estou recebendo isso?”, se eu tivesse sido campeão, tudo bem, aí sim, glórias, tal. “Mas não fui!” Sabe por quê? Isso já vem desde pequeno, em tudo a gente tem que ser o primeiro. Mas não é assim a vida, a vida não é assim. Mas o brasileiro transforma a vida assim, o vice... O cara vai decidir um título e perde o título, ele perde o jogo, ele fica desanimado! Ele manda treinador embora, o cara fez uma baita de uma campanha, chegou ao título, ele manda embora. Então, pô, vai se entender essa gente! Não. Agora como foi criado essa situação de Libertadores, até quarto colocado, é bom. Agora esse acesso que sobre quatro, até quarto colocado, é bom. Agora os caras gostam. Na Europa não, na Europa um time fica em oitavo colocado, está bom, é uma boa colocação. Hoje, eles estão entendendo que se não ficar entre os quatro últimos já é uma boa colocação. Se o Palmeiras milagrosamente conseguir ficar com um ponto na frente dos quatro ali, sabe o que vai acontecer? Vai ser uma festa danada, vai ser o título [risos], vai ser o título, faz tempo que não ganha. Aí é que está. Aí nessa situação vale a pena ficar em último lugar. Você acha que pode? Não, rapaz, futebol só existe um vencedor, não tem dois. Então você tem que galgar, às vezes você não vai conseguir ser o primeiro, mas se você for o segundo é bom, se for o terceiro é bom, se você for o quarto... A pessoa tem que acostumar com isso. O cara está mais preocupado que o companheiro vai gozar ele. Espera aí, pô, do que se preocupar com uma boa posição. Você acha que terceiro lugar na Copa do Mundo não é boa para o Brasil? Nunca foi. Melhor foi a do Telê que nem classificou, não ficou em posição nenhuma. Então a melhor foi a dele. A do Parreira, criticaram o Parreira barbaridade, o Parreira até fazia uma propaganda, fazia assim: “é, ganhamos de um, mas ganhamos.” Ganhamos nos pênaltis, mas a Taça está aqui. Brasil não se conformou, o torcedor brasileiro não se conformou com a Copa do Mundo de 94. Não. Porque ele quer que o Brasil ganhe que nem de 70, goleada, goleada. O Brasil deu uma sorte em 70, uma sorte danada, porque o Everaldo era o lateral esquerdo, ele foi tirar uma bola de direita, ela deu no pé do apoio, lançou o cara na marca de pênalti, ele e o goleiro, ele e o Félix, o cara chutou para fora. Naquele jogo que o Brasil ganhou de 1x0 da Alemanha com gol de Jairzinho, então Brasil deu sorte. Aí vai na final ganha de 4x1, todo mundo



ficou contente, se ganha de 1x0 ninguém fica, não entendo. Brasil ganha de 1x0 não fica contente não.

B.H. - Polozzi, como foi voltar a jogar na Ponte Preta depois da Copa do Mundo e como foi sua saída da Ponte Preta?

J.P. - Depois que eu voltei da Copa do Mundo, na verdade, para jogar bola, ficou até mais fácil, moral está mais elevada, tal, então a gente ia jogar, a gente percebia que os caras... ficou um pouquinho mais fácil. Aí, em janeiro de 79, me apresentei na Ponte com o contrato terminado já. Então os dois reformaram e a Ponte não teve condição de reformar com três jogadores de seleção brasileira. E eu queria ganhar igual aos dois. Então ela falou: “não vai ter jeito da gente reformar com vocês três, não tem dinheiro, não adianta.” Eu falei: “então, me vende.” Eu saí de lá, voltei para casa. Vim dormir aqui em casa, vim dormir aqui em Vinhedo, aí cheguei aqui era quase seis e meia da tarde, 15 minutos depois tocou o telefone, para eu voltar para Campinas. “O que é?” “Vem aqui que nós precisamos falar com você.” Achei que eles iam reformar meu contrato, acertar tudo, aí chego no escritório do Lauro Moraes, o presidente, que é em cima de uma loja de sapatos, que ele tem até hoje, no mesmo lugar, a hora que eu entro, vejo dois senhores, Arnaldo Tirone e Nicola Racioppi. Arnaldo Tirone é o pai desse Tirone que está aí na presidência do Palmeiras hoje. Esses senhores aqui são diretores do Palmeiras Futebol Clube. Um frio na barriga, eu palmeirense, imagina. Dois diretores do Palmeiras para me contratar, eu falei: “e agora?” Eu não estava preparado em questão de pedido, estava preparado em questão de pedida na Ponte, é o que eu ia pedir na Ponte, é o que pedi no Palmeiras. “Ah, rapaz, que é muito, não sei o que, tal, e você vai pegar tanto de...” Eles já estavam com as contas tudo formada na cabeça, e eu não. Na época foi R\$ 5 milhões, não sei se seria R\$ 5 milhões hoje do dinheiro nosso, mas vou basear nesses cinco milhões, eu ia ficar com R\$ 750 mil, mas eu acho que não era tudo isso, porque eu comprei uma chácara lá embaixo com esse dinheiro. E depois eu vendi para comprar um apartamento em São Paulo. Então o dinheiro entrou no meu bolso e saiu e foi para essa chácara pré-formada, tinha uma casa coberta, só. E esses italianos naquela pressão em cima de mim, eu novo, 23 anos, ia fazer 23 anos ainda, aí acabei aceitando.

Bruna Gottardo - Você que negociou?



J.P. - Eu mesmo. “Porque você vai perder a oportunidade, você vai pegar tanto...”, aí os números vem na cabeça, tal, “você vai perder, está pedindo muito, tal”, aí acabei aceitando salário fraco, fraco. Fui para casa, encontrei meu amigo, esse meu amigo que sempre me deu força. Aí encontrei meu amigo, falei assim: “rapaz, acertei com o Palmeiras.” Ele falou assim: “Por quanto? É muito pouco, você merece ganhar mais e não sei o que, nossa, é muito pouco, muito pouco, liga para os caras, liga para os caras, é muito pouco.” Liguei para os caras, falei: “olha...” o Palmeiras já dando minha contratação certa, o Palmeiras precisava de uma atração, uma grande atração no time que estava numa fase brava. E de um jogador de seleção brasileira. Tinha o Jorge Mendonça que foi para a Copa do Mundo também, mas só tinha ele, e a torcida estava exigindo uma grande contratação, um jogador mais conhecido. Aí, liguei para ele e falei: “o seguinte, é muito pouco isso que eu vou ganhar, tal. Vem aqui para a gente conversar de novo.” Nossa, eles vieram correndo. Vieram aqui em Vinhedo. Aí vieram aqui na minha casa. Antes tinha conversado lá, pressão daqui, pressão de lá, acabei... Depois que eu pensei direito, falei com meu amigo, falei, precisa melhorar. Porque? Os 15 % já era direito meu, isso é direito. Luvas é outra coisa, é um adiantamento do salário que você vai ganhar anualmente. Por exemplo, vai ganhar R\$ 500 mil, você pede R\$ 250 mil adiantado. Aí o seu salário em dez vezes de R\$ 50 mil passa a ser R\$ 25 mil, luvas funciona assim. Eles me deram esses 15%, que é o meu direito, por lei é meu já, na venda eles me deram como luvas. Eu falei: “não, eu quero aumentar um pouco.” Mas consegui aumentar, mas não consegui aumentar muito. Ainda acabei pegando uma parte livre de imposto de renda, só que eu joguei essa parte livre no salário mensal, então todo mês descontava essa parte de imposto que eu não paguei. Então descontava junto com o salário. Aí o meu salário passou a vir menos do que eu ganhava na Ponte, por causa desse desconto. Eu queria mais dinheiro nas luvas, tinha que descontar imposto de renda. Então ele me deu metade sem desconto, só que passou o desconto para o salário, então é um desconto muito alto no salário. Aí eu falei, mas como, meu salário é menor que da Ponte. A Ponte você ganhava tanto na carteira, ia menos, os esquemas. Palmeiras não. Olha, Palmeiras e Goiás, dois únicos times que são certinho, que eu trabalhei até hoje. Todos os outros são bagunça total, na lei trabalhista. Por exemplo, o cara vai ganhar R\$ 1 mil, não põe na carteira R\$ 1 mil, põe um salário mínimo. Contrato já entra com salário mínimo na federação. Eles entram com o contrato com menos para não pagar a CBF. Porque se for dois ou três salários mínimos, no contrato, paga também a CBF. Então para economizar, eles fazem isso. Não paga a carteira

integral para jogador, time nenhum quase faz isso. Com exceção dos grandes times agora, que eu não sei mais. Os times que eu trabalho aí, nenhum deles faz. Você só recebe dia trabalhado, você não recebe dentro da lei, nada, nada, nada. O único que pagou foi o Goiás e o Palmeiras, até hoje, nem a Ponte, era assim. Então eu estou acostumado de uma forma. Eu vou no Palmeiras, desconta tudo, tudo, tudo. Eu falei: “nossa.” Ia pegar meu salário, não dava nada, meu salário não dava para nada, não dava nem para pagar o apartamento que eu tinha comprado lá. Comprei um apartamento lá, vendi aqui, uma parte da entrada no apartamento, e não dava para eu pagar uma semestral que era uma facada. Então, joguei no Palmeiras... Hoje o cara compra um apartamento por mês com o salário que ele tem no Palmeiras, lógico, tem jogador do Palmeiras que ganha mais de R\$ 200 mil por mês, tranquilo. Ele compra um apartamento por mês por aqui, numa cidadezinha menor. E a gente precisava de dez anos para comprar um apartamento, aí é duro. Achava que jogar em time grande, o cara ficava rico, fica de jeito nenhum. Hoje, alguns conseguem ficar. Esse que ganha milhões aí, tal. Mas aqueles que ganham R\$ 30, R\$ 40 mil, não vai ficar rico. Vai conseguir umas coisinhas aqui, tal, umas coisinhas ali, mas se ele não tiver um bom controle ele já perde, se ele casar mais de duas vezes, já perde. Eu casei duas vezes só. Não, casei uma vez só, mas eu tenho quatro filhos, dois no primeiro casamento, e dois no segundo casamento que foi 19 anos o segundo, mas sem ser casado. Falei, agora chega. Então, aí fica difícil, você tem que dar uma continuidade na tua vida. Fora da bola ou dentro da bola. Eu preferi dar dentro da bola. Mas desta forma é difícil, você trabalha não recebe, trabalha não recebe, é assim.

B.H. - Então você joga até 82 no Palmeiras e aí sai para o Botafogo de Ribeirão Preto.

J.P. - Aí saí para o Botafogo de Ribeirão Preto em 83, vim para a Ponte. Primeiro eu vim para a Ponte. A Ponte contratou Nenê Santana, e contratou o Wagner, que até faleceu depois, um jogador que faleceu, caiu, bateu a cabeça no chão e veio a morrer. Aí eu voltei para a Ponte, joguei o campeonato Brasileiro para a Ponte. Naquele ano o campeonato Brasileiro começava no começo do ano. Depois vinha o Paulista. Aí no segundo semestre eu fui para o Botafogo, no Paulista. Botafogo estava em último lugar quando eu fui para lá, estava caído. Fui eu, o Teodoro que jogava no São Paulo, o Chicão, Chicãozão, eu levei mais dois jogadores do Palmeiras comigo, um lateral esquerdo, o Arizinho, e um atacante, meio atacante, não lembro o nome dele, e mais o Chicão e o... Que os caras vieram perguntar para

mim: “o que você acha de contratar o Chicão e o Teodoro?” Eu falei: “contrata correndo.” Aí jogava os dois no meio de campo. E o Chicãozão, ele dava um passo para cá, um passo para lá, jogou pra caramba. No ano seguinte eu fui para o Bangu, e aí quando acabou o ano de 84, eu até achava que o Bangu fosse me contratar, comprar. Até houve uma ordem do Castor de Andrade para isso, mas aí não deu certo, não sei por que, acabei voltando para o Palmeiras. Fiz um contrato de três meses, eu voltei para o Palmeiras ainda porque eu falei assim, para o diretor que estava lá na época, eu falei: “é o seguinte, faz um contrato de três meses comigo, pode me pagar o mesmo que eu ganho no Bangu, se eu não for titular desse time em três meses, vocês podem me mandar embora.” Ele topou. Aí fez um contrato de três meses, dois meses eu não tinha nem entrado em campo ainda. É, estava terminado o contrato. Aí as coisas acontecem, porque eu era muito abelhudo mesmo. Eu vejo que não estou indo em nenhuma partida, nem convocado eu estou. Era o Mario Travaglini o treinador. Aí não vou, não vou, não vou e o Palmeiras só levando tamancada. Aí ia jogar contra o Vasco do Rio de Janeiro, e vai eu outra vez. O Vasco estava em primeiro lugar, não tinha perdido para ninguém. Estava um timaço, jogava Roberto Dinamite, o Romário estava começando a carreira de ponta esquerda, Mauricinho, Giovanni. Eu morava aqui, levava malinha, porque se eu falar que eu estou concentrado não precisava vir aqui buscar, então eu já ia pronto. Aí fui ver na lista lá, meu nome está fora. Aí eu passei no vestiário, eu vi um zagueiro chamado Maxwell, aqui de Ribeirão Preto ele era. Maxwell fazendo gelo na virilha. Eu falei, o que? Chamei o médico. “Doutor, estou vendo o Maxwell fazendo gelo na virilha aí, pergunta para o Mario Travaglini se ele não vai precisar de mim?” Olha só, nem no banco eu estava. Aí o Mario Travaglini manda me chamar. Ele falou assim: “como você está?” “Estou pronto para jogar.” “Então você vai jogar.” Eu nem no banco, nem treinar com o time, nada, nada. Só porque eu fui abelhudo eu ganhei a posição de jogar esse jogo contra o Vasco. Ganhamos de 1x0. O Palmeiras já tinha jogos que não ganhava, ganhamos de 1x0, fui considerado o melhor em campo. Olha só. Aí terminando, o Palmeiras não classificou, era fase de classificação nessa época de Brasileiro, não me lembro bem. Aí eu só sei que eu ganhei a posição naquele jogo, eu fiquei, e ainda os comentários dos diretores do Palmeiras, que eu era o melhor zagueiro que o Palmeiras tinha naquele momento. Então, aí já estava em cima de terminar o contrato. Aí reformei o contrato. Eu me lembro que ganhava R\$ 2 mil, foi para R\$ 8 mil, meu salário. Mas foi a metade do Leão. O Leão ganhava R\$ 15 mil. Eu me lembro muito bem

disso aí porque o Dario Pereira ganhava R\$ 20 no São Paulo, o Leão ganhava R\$ 16 no Palmeiras, o Wagner, esse Wagner que morreu, ele tinha acertado na época, acho que por R\$ 12 mil. E como eu tinha jogado aquelas poucas partidas, que terminou meu contrato, eles queriam me pagar menos, mas eu consegui tirar R\$ 8 mil deles lá, e que foi a metade do Leão. Aí consegui um contrato de um ano com o Palmeiras, e fui ficando esse ano de 85, até vir um chineisinho, já ouviu falar desse chineisinho, não é, que é um baita de um jogador, que jogou fora do país, chineisinho veio como treinador, e eu joguei um primeiro turno do campeonato Paulista, e aí acho que ele não gostou muito do meu futebol, e ele começou a me encostar, e eu não podia jogar o segundo turno senão não podia negociar. Aí o que foi feito? Como eu ganhava esse contrato de R\$ 8 mil, eu tinha uma proposta de um time do Mato Grosso, bem mais, era quase R\$ 20 mil, uma proposta boa. Mas só que naquele ano, a inflação. Você ganhava R\$ 8 mil em janeiro, em março já era R\$ 3 mil, era pesada a inflação. E a gente não ganhava com aumento da inflação, não tinha isso aí, era um valor só até o final do ano. Depois, de doze meses o contrato era pequeno. E aí esse time me ofereceu, foi uma troca ainda. Veio um zagueiro deles para o Palmeiras, e veio ganhando a metade de R\$ 8 mil, o que eu ganhava no Palmeiras, veio baratinho para o Palmeiras, e eu fui para esse time aí, os caras me pagando bem. Dali eu fui para a Bahia, o Cesar Maluco me levou para a Bahia, me levou para o Serrano. Ligou meia-noite, rapaz, “Polozzi, vem para a Bahia.” Eu falei: “o Cesar, Bahia, mas onde é?” Eu achei que era até na capital. Eu fui para lá sem saber onde era. Mas olha porque eu fui para lá. Converso com o diretor aqui meia-noite, estava dormindo já, então o que eu fiz? Eu baseie mais ou menos na pedida do Mato Grosso, três vezes mais do que eu ganhava no Palmeiras, eu falei, “esse time não vai me pagar, interior da Bahia vai me pagar?” Eu pedi para não ir. Sabe o que o cara falou? “Ah, tudo bem, pode vir.” O cara era cheio do dinheiro, amigo do Cesar. Inclusive que levou o Cesar para dirigir o primeiro time do Cesar foi lá. Se eu tivesse pedido o dobro, ele pagaria. Ele: “tudo bem, pode vir.” Aí eu tive que ir. Eu achei tão interessante, que eu já estava com 30 anos, isso foi em 86, naquela época 30 anos já era velho, a imprensa fez todas essas coisas, é tudo imprensa que fazia. A imprensa dizia que o jogador era velho. O jogador de 32 anos dava uma tropeçada na grama e caia, ele caia de velho. O novo, por falta de experiência. É o que eles falavam. Então a imprensa cadastrou o jogador depois de 35 anos, 34, 32, a ser velho, aqui no Brasil. Agora, o Zé Roberto tem 37, 38 anos, o Romário jogou até 41 anos, quer dizer, com o tempo foi diminuindo essa



ideia da imprensa dizer que um cara é velho com 37 anos. O cara com 37, 35 anos ele está na maior força física dele, e até depois do 40, 45, o cara está na maior força física dele, na experiência ele tem que parar porque a imprensa, que nunca jogou bola, o cara nunca correu atrás da bola fala que... Só porque o cara tem um erro, que com 20 anos ele também tinha, errava também. Agora melhorou um pouquinho porque em vários times, o Julinho, pernambucano, tem 38 anos, ele está jogando uma barbaridade, Zé Roberto está jogando uma barbaridade. É que também antigamente os caras enchiam muito a cara, chegava com 32 anos, os caras estavam meio derrubados. [risos]. Mas eu não, eu com 37 anos, a gente fazia muito aqueles treinos de longa distância, caminhada, eu era sempre primeiro. Eu fui para essa Bahia então, só tinha moleque chegava na minha frente porque aquele era impossível ganhar. Mas eu fui para lá com 31 anos, fiquei dois anos nesse time.

B.H. - E depois do Serrano, na sequencia?

J.P. - Aí do Serrano, fiquei dois anos lá, voltei aqui, o Zé Duarte, esse que me deu essa oportunidade na Ponte, daquele jeito, ele veio para o Bandeirante do Birigui, foi o ano que o Bandeirante subiu, ele subiu, caiu, mas ficou naquela briga se ele ia ficar ou não, ele e a Ponte. Porque era para cair quatro, depois resolveram cair dois e aí Bandeirante e Ponte queria voltar para não cair nenhum. E aí eu vim para o Bandeirante, e fiz teste no Bandeirante. Ele me levou lá para ver meu condicionamento físico. Eu já fui lá com 32 para 33 anos, só que antes de chegar lá... Eu não era bobo, quando o passe veio na minha mão, eu fazia pré-temporada sozinho, eu corria aqui, saía da minha casa lá em cima, vinha até aqui no Cristo, ia até Valinhos e voltava, ia na Capela, da Capela a minha casa é morro, mas ia no pau mesmo. Às vezes as pessoas acha: “o que esse louco está fazendo, meio dia, cara.” E corria de cara aberta, cara limpa mesmo, para todo mundo ver. E quando eu chegava num time, depois dessa idade, eu chegava atropelando todo mundo, fisicamente, eles queriam ver a minha parte física por causa da cirurgia do rim, do joelho e do apêndice. Então eles queriam ver como eu estava fisicamente. A hora que eles me viam fisicamente, era o primeiro em tudo, a hora que punha na bola então, eu deitava e rolava., Bandeirante de Birigui, interiorzão aí, deitava e rolava. Toda vez que eu fiz um teste eu passei, porque eu me preparava para aquilo.

B.H. - Do Bandeirante você vai para?

J.P. - Do Bandeirante eu vim para Lins, porque eu comecei a namorar nessa época, que até fiquei com a minha segunda esposa, eu fiquei em Lins mais por causa dela, aí fiquei dois anos em Lins, depois fui para Goioere, foi onde eu fui ser campeão. Fui ser campeão em Goioere da segunda divisão para subir para a primeira divisão do Paranaense. Então como jogador eu fui campeão só lá, na verdade. Fui vice-campeão, vice-campeão, vice-campeão, terceiro lugar, terceiro lugar, por isso que eu acho que terceiro lugar é bom, não é? [risos]

B.H. - No momento de encerrar a carreira de jogador... Conversamos com Falcão, ele falou: “parece que é fácil, mas é muito difícil parar” , na experiência dele.

J.P. - Eu já tive uma experiência lá na Bahia de ser o treinador e jogador ao mesmo tempo, no campeonato inteiro. Eu machuquei meu joelho, eu tenho três cirurgias no joelho esquerdo, uma delas foi feita lá em Vitória da Conquista. Então eu fiz, e ia começar no outro ano; eles me convidaram para ser treinador, já devia ter aceitado, fui cabeçudo, mas queria jogar, não é? “Ah, não, tenho 33 anos ainda, vou jogar mais uns cinco anos.” Aí eu cheguei lá, eu já tinha até jogado, eu fiz a cirurgia no final do ano, quando eu me apresentei lá eu tinha jogado até futebol de salão aqui, já, e estava me sentindo bem, com a perna atrofiada ainda. Eu falei: “não, eu vou jogar mais um tempo. Eu posso sugerir uma ideia para vocês aí. Vocês trouxeram o Cesar para cá, não deu muito certo, vocês tiveram que pagar o Cesar até o final. Então vocês fazem o seguinte, vocês querem que eu seja o treinador, eu vou ser o treinador e o jogador. Como treinador você não precisa me pagar nada, você só me paga como jogador. Pronto, só me paga um salário. Eu vou ser o treinador, se não der certo, vocês vão contratar um treinador e aí vocês gastam dinheiro, mas se der certo, você vai economizar um bom dinheiro ainda.” Comecei a trabalhar e comecei a montar o time, jogando. Aí começou o campeonato, e o time era bom, rapaz, o time começou a ganhar, ganhar, ganhar, quer dizer, não ia trocar o treinador. Eu de dentro de campo, olha só, sem relógio, eu ficava imaginando assim para o segundo tempo, que já tinha uns 15 minutos de jogo, tal, vou fazer uma substituição, vou tirar quem? Eu tinha um auxiliar, jogou no Bahia, era bom jogador também, ele era meu auxiliar. Eu dentro de campo, ele falava assim, eu mandava aquecer, aquece fulano aí, aí ele falava assim para mim... [gesticulou], eu jogando, prestando atenção...

B.G. - Muita coisa para pensar.

J.P. - É, e coisa para pensar, olhar, orientar o time, como jogador que eu já aguentava pra caramba dentro de campo, e agora como treinador, aí houve um respeito maior. Eu sendo treinador junto com ele, lá dentro. E vou dizer uma coisa, não fazia besteira, não fazia de jeito nenhum. E não podia fazer, porque como eu ia pregar para que não pudesse errar? Então eu não podia errar. E olha que eu fiquei no banco. Eu me pus no banco, porque eu tomei o terceiro amarelo, aí jogou um outro zagueiro, reserva. Tinha quatro zagueiros lá, cinco comigo, eu falei: “qualquer treinador que estivesse aqui hoje, a preferencia dele ia ser por mim porque eu sou o mais velho, sou o mais experiente e também joguei em seleção brasileira. Agora, se eu não der continuidade num bom trabalho ele vai me tirar e vai por um de vocês, então eu vou agir da mesma forma. Vou me por porque sou mais experiente que vocês, e um de vocês vai jogar comigo, agora se eu não der conta do recado, eu saio, saio mesmo.” Então o que acontecia? Eu agia dessa forma e com todo mundo, com todos eles. Então o que eu fiz? Eu levei o terceiro amarelo, fiquei fora, e eu vinha jogando bem também, mas só que o time ganhou. Eu fiquei fora, o time ganhou. Eu mantive o zagueiro lá, e eu fiquei na reserva. No primeiro jogo eu não estava na reserva, nem no banco eu pude ficar, nem como treinador eu podia ficar, por causa do cartão eu tinha que ficar fora das quatro linhas lá de fora. Aí no outro jogo, eu fui com uniforme e gritando no banco. Aí o que acontece, o zagueiro também levou o terceiro cartão amarelo. Eu falei: “você está dando sopa parra o azar, porque, você vai dar chance justo para mim? Justo para eu entrar?” Dar chance para mim, não tem jeito, ainda mais do jeito que eu sou, não gosto de ficar na reserva. Eu não fiquei na reserva uma vez só, fiquei umas duas ou três vezes na reserva. Se ele continua ganhando o jogo ou se ele continua na sequencia, ele ia ficar e eu ficava na reserva. Então eu agia da mesma forma que eu gostasse que o treinador agia comigo, eu agia com eles. Então eu peguei essa experiência já, como treinador. Aí quando eu parei, de lá eu vim para cá, fui ser campeão no Grêmio de Goioere, e aí recebi uma proposta do Tiradentes, de Brasília, que foi meu último ano. No ano seguinte, eu comecei minha carreira, que era 93, eu comecei a ir no Bandeirante, que eu morava lá, mas eu tive uma proposta para ir jogar num Guarani lá no sul, era até um salário bom, rapaz. Mas aí eu fiquei pensando, não vou perder essa oportunidade aqui. Eu achava que seria uma boa oportunidade, mas não foi. É porque eu pensava de uma forma e os dirigentes do futebol pensa tudo de outra, pensam tudo errado.

Eles pensam tudo errado. Uma que nunca jogaram bola, quer contratar jogador, quer contratar treinador, acham que sabem tudo, mas não sabem nada, por isso que só faz esse bando de coisa errada aí. Principalmente aqueles do Palmeiras. Só faz coisa errada, pô. Por causa disso. Eu achava que começando como treinador em time pequeno, ir subindo, para aprender tudo lá, trabalhar em dificuldade, como eu só trabalho em dificuldade, isso eu sei trabalhar muito. Agora, trabalhar em facilidade, não é muito mais fácil? Não é fácil trabalhar em facilidade? Você vai com um time que tem dinheiro, salário em dia, jogador de R\$20, 30, 40, 50 mil na mão, pô, é fácil, rapaz. Tem tudo, então é fácil você trabalhar. “Ah, está difícil trabalhar no Palmeiras”, está nada. Eu escrevi no meu Facebook: “eu tiro o Palmeiras do rebaixamento, antes de [inaudível] [risos], eu tiro, eu tiro o Palmeiras do rebaixamento”. Alguns torcedores: “eu acredito, eu acredito.” Pode acreditar, eu tiro mesmo. E eu tirava mesmo o Palmeiras do rebaixamento, eu tenho certeza absoluta que eu tirava. Porque eu vou apresentar uma coisa diferente do que eles estão fazendo. Porque aquilo que eles estão fazendo, todo jogo não está dando resultado. E o treinador não muda; mudou o treinador, mas a maneira de jogar não mudou. A mesma coisa. O esquema tático do Kleina, o esquema tático do Felipão, tudo igual. Então se o cara não apresentar uma coisa diferente, para um time que precisa de cinco partidas ganhar cinco, você tem que apresentar alguma coisa diferente. Se for igual aos outros, acabou. Uma coisa diferente, deu certo, deu, se não deu, também... Mas você tem que implantar alguma coisa diferente. Para o jogador perceber, realmente... Nos times que eu tenho trabalhado que é jogador de categoria mais baixa, ficou muito mais fácil para eu jogar. O cara mais conhecido que eu trabalhei hoje foi o Herivelto. Lembra do Herivelto? Lateral esquerda, jogou no Santos, no Palmeiras, no Corinthians, na Ponte Preta, ele estava jogando em Francana comigo, na meia esquerda. Eu cheguei lá e vi um jogo dele antes de assumir. Eu cheguei para ele e falei: “você está jogando tudo errado.” Até assustou. O cara tem 37 anos, só jogou em time grande. Agora está jogando na Francana, eu vou dizer pra ele que está jogando errado! “Olha só, entenda bem, você está correndo da meia esquerda a meia direita, da meia direita a meia esquerda, vai bater a falta, ele vem aqui, corre aqui, corri aqui, nunca aqui. Agora você vai correr da meia esquerda até no bico daquela pequena área, só até ali, de lá você corre aqui, daqui você corre lá, só faz isso. Você vai ver só como você vai começar a fazer gol.” Então eu crio, criei uma situação para que ele entrasse sozinho aqui e fizesse gol, começou a fazer gol um atrás do outro. Porque uma situação foi criada para que ele entrasse sozinho

ali naquela posição. Não é mais fácil? “Você não vai correr tanto. Agora, se o seu volante que tiver marcando, você for lá dentro do gol fazer gol e nem se importar com você, você vai junto. Agora, ele não vai fazer isso, porque você é o Herivelto, e ele ainda não tem o nome no futebol. Então mesmos com a bola no pé, ele vai estar preocupado com você, vai ficar perto de você, então... E como você é mais rápido do que ele, você vai dar um pique aqui, de 15, 20 metros, lá no bico da área, alguém vai meter uma bola para você lá, vamos abrir um espaço para você fazer isso. Você vai medir velocidade com esse cara, vai chegar dois metros na frente, cruzamento bom, você só vai fazer o gol de cabeça ou com o pé.” Começou a fazer um gol atrás do outro. O treinador quando ele tem um time limitado que nem o Tite, quando ele pegou o Corinthians, não tinha ninguém lá, nem de seleção brasileira tinha, ele implantou um sistema dele lá, que o time começou crescer. Então, ele, o treinador faz a diferença nesse momento. Eu vi o Neymar jogar uma vez só, e o treinador já nem fala mais nada para o Neymar porque ele acha que ele sabe tudo. Mas não é, ele não sabe tudo não. O Neymar quando pega a bola aqui desse lado esquerdo, vem aqui para fazer assim na diagonal. A maioria do jogo dele é nesse setor aqui, o meio de campo. Ele pega aqui dribla três e vai aqui. A Ponte vinha com dois jogadores a mais aqui, sem marcar ninguém, só marca ele, três marcam ele, se três estão marcando ele aqui, tem dois livres daquele lado lá. A questão é que os jogadores que pegam na bola aqui, joga para ele aqui com os três marcando, esse aqui não pode jogar para ele. Se ele estiver com um jogador, jogue para ele, agora se estiver com mais dois perto, não jogue para ele. Joga para uma outra opção. Porque só na vinda dele aqui já está abrindo uma opção do lado de lá, de dois jogadores livres do Santos do outro lado. É só questão do cara pensar. O treinador do Santos quem é?

B.H. - Muricy.

J.P. - É um treinador inteligente, que ganhou bastante aí. Também só está dependendo do Neymar agora. Porque se ele falasse para o time dele: “olha, veio três jogadores marcarem o Neymar, pega bola, vira para lá, deixa ele sem jogar. Porque ele só vindo aqui já traz três, então deixa ele sem jogar, vai jogar o outro. Aí ele dá um arranque sem bola, com três caras correndo atrás dele, chega na frente dos três. Se ele correr sem bola daqui, vem três aqui, o cara joga para lá, eles vão jogar lá, ele arranca aqui, com esses três correndo junto,

ele chega primeiro aqui, o cara vem e faz gol. Então ele não precisa pegar na bola aqui. É só questão do treinador falar vamos fazer isso, isso e isso. Mas não, vai no pé do coitado, vai no pé do coitado e larga lá para ele resolver. Não é assim. Vai chegar um ponto que o Santos vai bloquear de uma forma, os adversários já estão bloqueando, porque os caras estudam, os caras não são burros não, o cara fica... Eu que sou zagueiro, sempre fui zagueiro, eu vejo jogar na televisão, falo: “ah, esse moleque não faz isso comigo não.” Porque eu já estudei forma de marcar ele e eu, eu não jogo mais. Então se eu for jogar contra ele uma vez, por qualquer time, eu já vou posicionar o time de uma forma de marcar ele. Agora, se ele for mais inteligente, ele começa a trabalhar com toque de primeira, porque se ele fizer isso, aí ferra todo mundo.

B.H. – Polozzi, nesse depoimento com os jogadores da seleção brasileira, a gente costuma encerrar perguntando sobre a Copa do Mundo que será realizada no Brasil, daqui a menos de dois anos. Queria te pedir que você falasse como você está vendo a organização do torneio, o fato do Brasil ser o país sede, e como você prevê, se é possível prever, mas como você está analisando daqui para frente às perspectivas de performance, desempenho nas quatro linhas da seleção em 2014?

J.P. - Eu acho que o Brasil evoluiu muito esses últimos anos, o Brasil ficou muito rico, Brasil é rico. O Brasil vai fazer a melhor Copa do Mundo de todas as outras, os estádios, os lugares, tenho visto algumas maquetes de estádio, cada estádio de primeira linha, com coisas modernas. E como o Brasil vai jogar no Brasil, que é muito difícil o Brasil perder um jogo no Brasil, o Brasil é o primeiro candidato ao título. Você está vendo o jogo do Brasil, esses jogos amistosos, “ah, jogou contra não sei quem”, depois jogou contra o Japão que ganhou da França, e que o Brasil meteu uma goleada sem fazer força. Eu acho que o Brasil vai ficar muito forte. Tanto na estrutura para a Copa do Mundo, na apresentação para as pessoas que vêm de fora para assistir, como até em arrecadação, o Brasil vai superar tudo isso. É que tem muita gente pessimista aqui no Brasil, não é? “É que não sei o que, todo mundo rouba aqui no Brasil, - todo mundo fala de roubo, só fala em roubo -, porque não sei quanto vai ficar aquele estádio...” Para mim, o orgulho de ser brasileiro, é que o Brasil me apresente uma Copa do Mundo com os estádios bem melhores do que aqueles que nós já vimos nos outros lugares, que foram extraordinários. Cada país que apresentou a Copa do Mundo apresentou de primeira linha, e eu acredito que o Brasil, pelas maquetes que eu

tenho visto aí na internet, essas coisas, os estádios que o Brasil está construindo são todos de primeira linha. E acomodação para as pessoas que vêm assistir, tal. Até eu já estou preocupado com a Copa do Mundo, porque eu quero assistir a Copa do Mundo, agora, não quero pagar. [risos]. Se eu pagar, eu não vou. Lógico. Eu já estou até bolando uma forma de entrar em contato com a CBF, para que a CBF me autorize ou me dê o ingresso, qualquer coisa, para eu assistir os jogos, nem que for aqui em São Paulo ou em qualquer lugar, liberdade de acesso, por nós termos participado de uma Copa do Mundo, por causa disso. Porque se eu simplesmente fosse só jogador profissional, eu acho que todo mundo não pode, não vai caber no estádio. Mas por exemplo, aqueles jogadores que tiverem interesse, que representou o Brasil numa Copa do Mundo, esses eu acho que deveriam ser convidados ou ter um acesso grátis para assistir. Porque não é mais do que 200. Morreu uma porção. [risos] Não é verdade? Não é mais do que 200 pessoas. Duzentos ingressos dividido em 12 séries, 12 estádios, 200 dividido em 12 estádios, não vai... Eu assisto até em pé, não preciso nem sentar. [risos] Mesmo porque todo jogo eu trabalho em pé também. Mas que eu fazia questão de ir assistir a Copa do Mundo aqui no Brasil... E também não preciso nem fazer aquelas apresentações, aquele negócio chato lá, podia só que a CBF me mandasse uma credencial, pronto. Dá uma credencial para eu entrar em qualquer estádio, como ex-jogador, como ex-atleta, tal. Porque é ruim, rapaz, às vezes você joga num time, por exemplo, no Palmeiras, depois você vai assistir um jogo no Palmeiras não pode entrar, nem você se identificando. Aí o que o Palmeiras fez? O Palmeiras me deu uma carteirinha de veterano. Eu fui lá, eles não sabiam meu endereço... O Palmeiras nunca me convidou para um jantar, só depois que eu fui lá e dei meu endereço, meu telefone, aí me convidaram. [risos] Então o ano retrasado eu fui no jantar do Palmeiras. Vai mais de 300 pessoas, todos aqueles jogadores antigos, ganhamos camisa, ganhamos medalha, ganhamos tudo. Isso é gostoso. E também ganhamos essa carteirinha que é para a gente ter livre acesso ao Parque Antártica. Não onde o Palmeiras treina, porque lá a gente não pode ir também. Se a gente chegar lá e falar que nós somos ex-jogadores do Palmeiras, não pode entrar. A não ser que você vá falar com alguém, e que esse alguém tenha autorizado você entrar. Agora já está quase difícil de entrar na Ponte, para assistir o campeonato Brasileiro, já mudou já. Antes eu entrava ali onde entrava o time, os caras me conhecem, então entrava. “Ah, não pode mais entrar aqui.” A porta está aberta, não posso entrar. Pô, frescura, não é? O cara sabe quem eu sou, tudo, não pode entrar. Aí

tem que entrar com cartãozinho camisa 10, que eu tenho, que eles me deram, que já venceu, mas não tem data. Não tem data, como é que vence? Até deixei lá para eles trocarem, mas tem que entrar por onde entra todo torcedor. Agora não pode entrar ali pela porta que fica aberta. Não sei por que, pô. Os diretores, tudo ali. Mas ex-jogador que foi o ídolo, tal, não pode entrar. Mas tudo bem. Mas a Copa do Mundo vou assistir. A seleção eu vou assistir, vou assistir porque eu vou conseguir. Vou conseguir fazer um... nem que for de imprensa. Ponho no pescoço e vou lá dentro do campo.

B.H. - Bom, chegamos ao final do depoimento de José Fernando Polozzi para o Museu do Futebol. Nós da FGV e Museu do Futebol agradecemos a você, Polozzi, por esse depoimento, foi uma tarde de muita recordação e revivendo os fatos que você vivenciou no futebol ao longo da sua carreira como jogador e agora como treinador. Vai ficar como um documento para o acervo do Museu, e os visitantes vão poder conhecer, ouvir, assistir essas suas lembranças recordadas nesta manhã e início de tarde. Muito obrigado, Polozzi.

J.P. - Obrigado vocês, eu que agradeço por essa oportunidade, porque eu jamais pensei que eu ia ficar no Museu, [risos] mas é muito interessante isso. Aqui em Vinhedo tem um museu, já tem uma fotografia minha lá e a outra do Carlos, que o Carlos também é aqui de Vinhedo, então... É legal isso, nós ficamos eternos, o nome da gente fica eterno e isso é muito bom, muito importante esse trabalho que vocês estão fazendo aí é muito gratificante para nós que já paramos, já somos [leves]. Está legal.

[FINAL DO ARQUIVO II - FIM DO DEPOIMENTO)